

POLÍCIA MILITAR
ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR
DIVISÃO DE ENSINO

“ A Polícia Militar e a Violência Urbana ”

Oficial - Aluno: João Batista Alves - Cap. P. M.

MONOGRAFIA C A O - 88

Goiânia, Go Julho de 1988

BAPM

CAP PM JOÃO BATISTA ALVES

" A POLÍCIA MILITAR E A VIOLÊNCIA URBANA "

GOIÂNIA - GOIÁS 1988

CAP PM JOÃO BATISTA ALVES

" A POLÍCIA MILITAR E A VIOLÊNCIA URBANA "

A presente monografia foi apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais - CAO - da Polícia Militar do Estado de Goiás.

GOIÂNIA - GOIÁS 1988

D E D I C A T Ó R I A

*À minha querida Ivonete, pelo apoio
devotado à minha pessoa, que somado
à compreensão de espôsa e mãe dedii
cada muito tem me ajudado*

*À pequena Renata, meu pedacinho de
gente e razão de ser da minha vida.*

*À Deus Pai Onipotente, a quem sempre
recorro nos momentos difíceis,
da minha existência.*

AGRADECIMENTOS

Ao ilustre Professor Dr João Batista Machado, meu orientador nesta ' monografia, cuja orientação e par ticipação solidificaram mais ainda a nossa amizade.

I N D I C E

<i>I</i>	<i>- SUMÁRIO.....</i>	<i>06</i>
<i>II</i>	<i>- INTRODUÇÃO.....</i>	<i>08</i>
<i>III</i>	<i>- A ORÍGEN DA VIOLÊNCIA URBANA.....</i>	<i>16</i>
	<i>1.0 - FATORES QUE GERAM A VIOLÊNCIA.....</i>	<i>19</i>
	<i>1.1 - Meios de comunicação- Influência.....</i>	<i>19</i>
	<i>1.2 - Crescimento da População.....</i>	<i>20</i>
	<i>1.3 - A Fuga dos Meios Rurais.....</i>	<i>22</i>
	<i>1.4 - O Aparecimento das Favelas.....</i>	<i>24</i>
	<i>1.5 - Família Desagregada.....</i>	<i>25</i>
	<i>2.0 - CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA URBANA.....</i>	<i>28</i>
	<i>2.1 - Armamento - Facilidades.....</i>	<i>29</i>
	<i>2.2 - A convicção da Impunidade.....</i>	<i>31</i>
	<i>2.3 - Sociedade Insegura.....</i>	<i>33</i>
	<i>3.0 - POLÍCIA MILITAR.....</i>	<i>35</i>
	<i>3.1 - Violência Urbana - Policial Militar.....</i>	<i>37</i>
	<i>3.2 - Polícia Militar - Combate à Violência.....</i>	<i>40</i>
	<i>3.3 - Violência - Incidência Criminal.....</i>	<i>43</i>
	<i>3.4 - Polícia Militar- Violência- Modernização.....</i>	<i>45</i>
<i>IV</i>	<i>- CONCLUSÃO.....</i>	<i>48</i>
<i>V</i>	<i>- Bibliografia.....</i>	<i>52</i>

I. SUMÁRIO

Há exatamente 05 anos atrás, em 1983, comemoramos, a nível nacional, o 20º Aniversário da Campanha da Fraternidade. O tema enfocado era " Fraternidade Sim - Violência Não " e se apresentava como resposta a um problema que, até hoje, se emaranha sempre mais no tecido da sociedade brasileira: a violência.

A única e principal razão que nos levou a escrever sobre o tema " A Polícia Militar e a Violência Urbana ", é o fato da sociedade brasileira ainda estar sofrendo perplexa e amedrontada, o fenômeno da "síndrome da violência urbana". Fenômeno que não é exclusiva de brasileira, mas universal. A violência campeia solta sob os seus diversos ângulos e formas. Aqui vamos enfocá-la nas classes e grupos sociais, na família e entre os indivíduos, visando alertar as autoridades, para juntos, tentarmos, não a solução do problema, que é impossível, mas pelo menos amainá-lo, a fim de devolver à comunidade a paz e a tranquilidade.

" Aqueles que odeiam e que recorrem
à violência - sejam brancos ou ne
gros - não solucionam os problemas'
que atormentam a sociedade. Podem
sòmente intensificar os insensatos
acessos de furor e de revolta selvag
gem. Mas qual a explicação da
violência? "

II. INTRODUÇÃO

A violência e a agressividade não são fruto do ambiente, fruto de uma história pessoal cheia de humilhações e renúncias, como o interpreta toda uma corrente cultural. Esta teoria arrancava, de certo modo, ao indivíduo, a responsabilidade dos próprios atos e, ao mesmo tempo, tranquilizava a sociedade quanto à excepcionalidade do caso.

Em poucas palavras, o gênero humano era dócil, por tendência, por instinto. E somente certas condições externas modificavam o caráter, chegando mesmo a fazê-lo regredir ao nível animal, sem que a razão pudesse conter a explosão de uma fúria desumana.

Aí está: o próprio conceito de "animal" e de "desumano" nos leva à última e mais veraz história do ser humano. Ela prova que também este instinto, até agora considerado como produto de uma série de circunstâncias, seja de nossa civilização atual como da pré-histórica.

A descoberta de crânios pré-históricos, com sinais de pancadas tão violentas que chegaram a lhes causar fraturas, nos dissuade de atribuir à vida moderna o frenesim de um instinto que, para nossa infelicidade, caracteriza o homem. Segundo alguns cientistas, deve-se a uma maior carga de agressividade o nível superior de desenvolvimento pela nossa espécie. É combatendo que se pode conquistar e conservar a terra mais favorável; é combatendo que se pode evitar os

perigos e eliminar as contendias; criar uma comunidade hierárquica na qual os mais fortes comandam e estão por isso em condições de arrastar a massa nas suas decisões.

Na pré-história a agressividade deve ter a florado constantemente, pois constituía insubstituível fator de sobrevivência. Mas vamos chegar à época atual. A ordem social, as regras de convivência e o nível atingido pelas qualidades intelectivas do ser humano relegam determinados instintos no segundo plano da personalidade, tornando-os inconscientes até o instante em que, por circunstâncias totalmente casuais talvez, vêm à tona, surpreendendo a pessoa. O exemplo mais comum é o comportamento de um controlado torcedor assistindo uma partida de futebol. Toda aquela exaltação vai despendendo uma carga de violência que aguardava, no íntimo de seu ser, oportunidade para explodir.

Se o bem estar, a cultura, a convivência pacífica na justiça e na democracia conseguíssemos extinguir esta desagradável característica humana, como se poderia explicar que até na Inglaterra - país onde a liberdade é um bem comum e o autocontrole, uma herança secular - aconteçam os mais cruéis delitos? O dado não é mera casualidade. O sádico que sequestra e assassina a criança, nada tem em comum com o gangster que atua junto com seus cúmplices, tendo como único objetivo, o risco, a aventura. No caso do sádico, ocorre uma distorsão psíquica na qual o instinto para o crime levou a melhor, sufocando todas as capacidades de controlá-lo ou canalizá-lo para desafogamento inocuo. A delinquência pelo contrário, possui um caráter

inegavelmente social e constitui, em certo sentido, uma opção errada de vida, completamente voluntária.

O que acontece, entretanto no mundo animal, com relação a este instinto? O paralelo não é, casual, porque, a partir do comportamento de espécies afastadas e até diversas, podem surgir luzes para a explicação de certos fenômenos que vêm ocorrendo há séculos.

A guerra, por exemplo, é a manifestação mais irracional de intolerância do gênero humano. Para viver e constituir sua família o animal precisa de uma moradia. Escolhido o local trata de estabelecer os limites, utilizando uma secreção assinalatória especial, facilmente identificada pelos de seu clã. Tanto é verdade, que a violação desta fronteira significa ir de encontro ao mais belicoso dos chefes de casa. No caso dos ratos, por exemplo, o intruso visitante fica como que hipnotizado pelas manifestações de fúria e acaba morrendo de medo. Trata-se de um urso (o seu esfregar na árvore representa apenas o modo de mostrar como é valoroso o proprietário do lugar) ou uma ave (que canta para fazer notar que é melhor não avançar até onde chega seu piado), a lei se repete: quem é agredido no próprio território luta com força dobrada.

Vamos voltar à guerra. A história vem de registrar vários exemplos de como o homem se torna capaz de encontrar incalculáveis recursos, quando se trata de defender a própria terra.

Mas, como se explicam as reações individuais? A psicofarmacologia tentou explicar com termos químicos grande parte das reações humanas. Sua indis

cutível conquista à época, foram os calmantes, depois surgiram pesquisas mais ambiciosas, com o advento da pílula da alegria. Para descobrir o composto capaz de proporcionar ao homem uma artificial felicidade, é preciso antes conhecer o mecanismo de sua agressividade. Os testes que foram procedidos com os porquinhos-da-índia, há duas décadas atrás, provaram que bastaram dez dias de isolamento para fazer de um animal sociável um furioso assassino.

Obtiveram resultados semelhantes as experiências realizadas com as tripulações dos submarinos atômicos, destinados a grandes períodos de ausência do ritmo da vida social. Os homens se tornavam violentos e irritados uns para com os outros. A fim de evitar-se este inconveniente procura-se manter, o mais possível, contato com o que acontece no mundo, através de informativos radiofônicos. Partindo do mesmo princípio, porém usando meios diversificados, foi possível reprimir certos instintos sociais ou suscitá-los artificialmente com intervenções no cérebro: choro, riso, amor e ódio podem-se alternar na mente humana com uma estimulação elétrica. A mecanicidade dessas descobertas desorienta assim a moral social.

Seja como for, a violência é protagonista indiscutível em cada período de paz. Deixando à parte as sublevações de guerrilhas e ameaças de conflitos mundiais, o que particularmente nos abate a consciência são os episódios de criminalidade, aparentemente, insensata. Como por exemplo: a matança da própria família, o assassino brutal das pessoas mais queridas, como os filhos, acompanhado, geralmente, do suicídio

do criminoso. O que aconteceu - a gente pergunta - no próprio íntimo, para mudar de repente o amor em ódio, a afetuosidade em violência? São muitas as explicações. Já disseram que a loucura repentina não elimina o afeto. Antes, faria o homicídio parecer um ato de piedade, a única solução para afastar as pessoas amadas de um inevitável destino de sofrimentos. E mais ainda: apelando para a genética e explicando como um filho (matar um filho é o crime mais antinatural) pertence pela metade ao outro progenitor, assassiná-lo é assassinar aquela parte da qual se quer vingar. A loucura, devido a sua dimensão: uma fuga, uma ausência da razão, ainda é difícil de ser interpretada. Foi a loucura que armou a mão do assassino de John Kennedy, do de seu irmão Robert Kennedy e do líder negro Martin Luther King? A mão que os abateu pertencia a um outro tipo de assassino: aquele que mata por interesse, por loucura ou por motivos pessoais, mas que é impelido por uma corrente de ódio, capaz de contaminar toda uma geração. Bastaria a questão racial, Ku Klux Klan, para evidenciar a "disponibilidade" à violência e à agressão.

Com base nessas informações foi anunciada há alguns anos passados, a equação: amizade = agressividade + perigo. Substituindo os termos, entende-se por amizade a convivência pacífica. A agressividade é identificada com aquelas narrativas chocantes apresentadas diariamente pela imprensa, falada, escrita e televisada. O perigo, por sua vez, consiste naquele sentimento de medo que invade uma comunidade e logo a reúne em torno de seus chefes, de suas leis, para satisfazer uma instintiva necessidade de apoio e de força.

Uma ameaça de guerra faz desaparecer num ins tante as divisões internas, faz esquecer os rancores , pessoais. Desloca, em suma, o alvo da agressividade, / projetando-o para fora, sobre o inimigo comum. Hoje, ' nessa angustiante procura de uma paz contínuamente pe riclitante, cada uma conserva intacta a sua carga a gressiva e a descarga onde pode, geralmente fraccionan do-a em descargas inócuas.

O aborrecimento, a segurança, o bem-estar, ' são, pois, perigosos estopins para este explosivo la tente no homem. Bertland Russel já dizia: " Os jovens' inglêses vivem numa época em que não há mais nada para descobrirem e que não há nenhuma aventura para eles re alizarem pessoalmente". Nos dias atuais, isto vem jus tificar certas atitudes de revolta na juventude, que fica a copiar os "RAMBOS" e os "LOBÕES" da vida. No ' Brasil, a educação se acha falida, mesmo porque os / exemplos pautados nas pessoas ilustres, cederam lugar' aos maus liderados pela revolta, o ódio, as drogas e os delitos mais violentos.

A natureza do mundo animal talvez nos ofereça um conselho. Os animais, mais do que combater, realizam verdadeiros duelos. E, geralmente, exceto por motivo de caça, deixam de matar o rival, suspendendo a luta quando um dos dois se impõe. O homem com o seu fanatismo pelos campeões do esporte em parte age do mesmo modo: luta por uma pessoa interposta. Certas lutas' pela paz nunca foram travadas com tamanha violência.

Portanto, por se tratar de um assunto que se tornou comum, sempre esteve à baila, pois, nasceu com o homem, vive com o homem no seu dia-a-dia, basta que' se ligue o televisor ou o rádio, ou folheie o jornal, ' para constataremos cenas de violência envolvendo tudo e

todos os segmentos da sociedade, é que nos direciona
mos para o tema " A PM E A VIOLÊNCIA URBANA ".

Somos Policial-Militar, e sabemos quão di
fícil, embora seja a nossa vontade, colocar de vez ,
um fim na violência. Contudo, sabemos ser impossível
pois a nossa pequenez e fraqueza, apenas faz com que
possamos lutar apenas para diminuir este fenômeno ,
que transcende a nossa voluntariedade e faz parte do
nosso dia-a-dia.

” A perfeição soberana reside no soberano amor e na soberana misericórdia: O grande justo é o grande santo. O santo perdoa infâmias, perdoa afrontas, perdoa crimes. Não sabe resistir ao mal, usando de violência ”.



III. A ORIGEM DA VIOLÊNCIA URBANA

A origem da violência urbana é um tema extremamente abrangente, complexo e difícil, e que necessà-riamente precisa ser abordado, analisado, de maneira , sistemática e profunda.

Inicialmente, vamos precisar alguns têrmos , tais como agressividade, violência pròpriamente dita e delinquência; menos para impor definições do que para prestar esclarecimentos sobre a temática em sí.

Tem-se definido agressividade como predispo-sição hostil contra outrem ou mesmo contra a natureza; no entanto, em sua amplitude, agressividade significa, também dinamismo e energia vital; há que se considerar inclusive, que uma certa dosagem de agressividade seja útil e necessária à luta pela vida, podendo até condu-zir o ser humano à realização de projetos criativos.-

A violência, por seu lado, é sempre impregna-da de destrutividade e falta de respeito pelo ser huma-no agredido; o que vem de ensejar o constrangimento de outrem , o uso da fôrça e da coação; o que, frequente-mente, resulta da impulsividade irrefletida, que vem a acarretar a humilhação do homem, e, a conseqüente de-gradação da humanidade.

Finalmente, algumas observações sobre a de-linquência. As sociedades estabelecem contratos soci-ais e normas de autopreservação, codificando leis pe-nais, cuja legitimidade, naturalmente, vai depender , das condições em que foram elaboradas; seus infratores uma vez comprovada a culpa, são considerados delinquen-tes que devem expiar determinado crime.

No entanto, é conveniente qualificar melhor os delinquentes, destacando aqueles que geralmente, são mais perigosos e cujas características psicológicas são as de uma personalidade psicopática, definida pela inescrupulosidade e pela falta de consideração, em fazer sofrer as demais pessoas; peculiaridade de caráter encontrada, aliás, entre pessoas de qualquer nível sócio-econômico-financeiro: neste contexto, apenas as formas de atuação delinquencial e os instrumentos utilizados para delinquir são diferentes, mas a estrutura psicológica é análoga. Convém lembrar que a violência cometida, consentida ou instigada por delinquentes que escamoteiam sua ação com bons modos, é, muitas vezes, exercida sem que se consigam identificar, com clareza, seus responsáveis mais importantes.

Depois de feitas as considerações sobre alguns vocábulos e conceitos, vamos nos aproximar do tema violência urbana. Segundo Sartre, "a cultura é o mais fiel espelho do homem". Assim sendo, a história vai servir de instrumento de reflexão sobre os problemas que estão a nos afligir. Nela podemos escolher, em seu vasto e extenso cardápio, o prato que nos serve. Vamos nos servir de dois exemplos, no vasto estoque da história, para o nosso ponto de partida sobre a origem da violência urbana.

O primeiro ato de violência que se tem notícia, foi o crime de fratricídio, impetrado por Caim / contra Abel, por haver sido preterido por seu pai, en- ciumado e invejoso pela maneira carinhosa e distinção que Adão fazia a Abel, acabou por assassinar seu irmão.

O segundo, dentre os muitos da história, vamos buscar na fundação de Roma. Os deuses determina-

ram que dos dois irmãos gêmeos - Rômulo e Remo (que a mitologia quis sem pais, alimentados por uma loba para sublinhar seu caráter de ponto inicial e origem de uma civilização), fundasse uma cidade. Rômulo traça um quadrilátero sobre o chão de uma colina do Lácio; Remo caçoa do irmão ter sido o escolhido dos deuses, inveja a sua criatividade e poder, menos prezando o sulco que viria a ser os muros de Roma; a inveja sempre tem uma componente destrutiva, pois o invejoso, não tolerando as situações de comparação desfavorável, vê, como única alternativa, a destruição do objeto de sua inveja. Em segundo lugar, a importância da apropriação do espaço: o traçado no chão dividia claramente o "aqui" do "acolá", estabelecendo os limites e separando o espaço interno do espaço externo; esta identificação do "meu" espaço é precíua para o equilíbrio homeostático do homem e dos demais animais; mas, enquanto os irracionais, por instinto, jamais hesitam na identificação do espaço que lhes pertence (seja o território de caça do leão, seja o cantinho privilegiado do cão), já o homem, cujo instinto foi parcialmente substituído pelo raciocínio e pela decantação da experiência, tem frequentemente dificuldade em identificar, e, especialmente, em preservar os "espaços em que se sente bem".

Em terceiro lugar, a lenda da fundação de Roma nos fala de violência. Fato comum na história e na mitologia, a resolução violenta de conflitos é por vezes apresentada como fatalidade, como destino determinado pelos deuses. Em outros momentos nos é apresentada como uma resposta instintiva a uma ofensa insuportável. Em ambos os casos, trata-se de um ato irrefletido, de uma passagem direta do impulso

à ação, deixando entre parênteses aquilo que diferen
cia o homem dos demais animais: sua mente, sua capa
cidade de raciocinar.

Inveja, espaço e violência podem ser encon
trados nos dias atuais, tentando identificar a ori
gem da violência específica à vida em metrópoles.

123

1. FATORES QUE GERAM A VIOLÊNCIA

Atualmente, estamos a viver numa época de
transição, cujos valores passam por uma mudança, na
qual pairam dúvidas sobre o que é certo e o que é er
rado; esta dúvida é criativa, porém causa angústia e
confere insegurança ao comportamento das pessoas ;
desta insegurança provém, tanto o ceticismo ideológi
co de velhos socialistas decepcionados, quanto a bus
ca de verdades absolutas hauridas em movimentos mís
ticos.

Existe uma gama enorme de fatores que pro
criam a violência nas cidades, e dentre estes fato
res que são vários, vamos destacar o que achamos se
rem os mais importantes.

1.1. MEIOS DE COMUNICAÇÃO- INFLUÊNCIAS

Um dos aspectos pertinente ao nossa tema é
o de estarmos vivendo uma época de comunicação glo
bal instantânea, época em que a televisão produz au
diências de mais de um bilhão de telespectadores pa
ra assistirem à chegada do ônibus espacial à lua,
os genocídios em várias partes do mundo ou até mes-
mo uma olimpíada. A informação é, vez por outra, im
posta, distorcida ou inibida; mas persiste o fato de
que se publicaram muito mais livros nos últimos 50
anos do que nos 400 anos que nos separam de uma das
maiores e mais importantes invenções: A imprensa. A en

chente informativa em que quase afogamos pode fazer pensar, mas também pode alienar.

A televisão vende mais "coisas" do que "idéias" e, desta forma acirra a voracidade e as / frustrações. Mas, o aspecto mais perigoso desta importante invenção humana é sua capacidade de insensibilizar. Não podemos acreditar que pessoa alguma se torne um delinquente, por assistir a um personagem de televisão delinquindo; os raros exemplos de crianças que cometeram desatinos por imitação nos parecem irrelevantes. No entanto, de tanto ouvirmos fatos violentos, lermos sobre fatos com violência e assistirmos filmes e programações com cenas de violência latente, forjadas com crimes e torturas, acabamos por ficar com nossa sensibilidade embotada. É o que nos transmite Charles Bronson, nos seus filmes "Desejo de Matar", cujas vinganças mais violentas constituem ilusório pano de fundo.

1.2. CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

Além da insegurança gerada por uma época de transitoriedade e do risco de insensibilização inerente à comunicação de massa, vamos destacar outro fator muito importante no incentivo à violência a voracidade, típica de sociedade de consumo, e que se maximiza na vida em grandes aglomerações. A elevada densidade, a multiplicidade de opções, a concorrência pelo ganha-pão e pelo acúmulo de objetos a possuir, são todos ingredientes típicos do denominado capitalismo selvagem que é, ainda, a forma pela qual produzimos. Os cidadãos, seguindo as regras do jogo, oprimidos pela tirania da "coisa oferecida" lutam incessantemente, uns contra os outros-e; nesta contenda, a frequente inveja entre os indivíduos

pode despontar, com sua componente destrutiva, às vezes violenta.

Fora isso, o individualismo em uma sociedade de massas e o baixo teor de solidariedade são, inequivelmente, aspectos típicos da vida urbana, que devem, ao lado dos demais, ser considerados como geradores da violência urbana.

Que forma tomam, em Goiânia, estes fatores de violência encontrados nas metrópoles? Goiânia metropolitana, tinha há vinte anos atrás, uma população estimada em pouco mais de 250.000 habitantes. Hoje conta com mais de 1.500.000 habitantes. Uma cidade com um índice assustador de crescimento, expandindo-se como uma mancha de óleo, mas que também cresce dentro de si mesma, substituindo edifícios, transformando o espaço urbano; esta destruição rápida e incessante de instalações físicas, tira do cidadão a segurança que lhe seria conferida por um palco em que o cenário fosse estável.

O curioso é que quase a metade da sua população não nasceu aqui. O enorme contingente migratório deste espantoso crescimento deve ser adequadamente assinalado.

O migrante é pessoa que, por desespero ou por coragem, abandona o seu local de origem para tentar a aventura de recomeçar a vida; nesta aventura, ele é levado por uma imagem e uma esperança. Quando faz a sua opção por Goiânia, é porque possui desta cidade a imagem de um grande e rico bolo, colocado à disposição de quem estiver disposto e habilitado para tirar a fatia que lhe é, presumivelmente, devida; a esperança é de conseguir essa fatia; para sua obtenção, é necessário garra e uma boa faca. A agressividade, frequentemente criativa, é portanto, inerente à saga do migrante.

Infelizmente, esta agressividade é, na maioria das vezes, transformada ou contradita pelos aspectos de violência anteriormente mencionados: as regras do jogo são violentas, o estilo de vida consumista, conduz muitos à frustração e outros, bem sucedidos, à auto-exaltação alienada; a baixa solidariedade e a insegurança diminuem a autoconfiança e dramatizam os fracassos e a solidão.

A insegurança gerada pela baixa renda, a incerteza com relação ao futuro, a preocupação com a educação e a saúde, as frustrações, a ausência de intimidade pelo ambiente promíscuo em que são obrigados a viver, por vezes, várias famílias juntas, o trânsito diário, a subnutrição, são alguns aspectos violentos da estrutura social injusta nas grandes cidades.

1.3. A FUGA DOS MEIOS RURAIS

A fusão entre as atividades rurais e urbanas se realiza, muitas vezes, partindo de um simples entrocamento de trilhas ou caminhos. E, à medida que se evolui, à proporção que se desenvolve, pode até mesmo assumir dimensões e características tão complexas, resultando daí vilas e depois cidades, que funcionam como verdadeiros polos de real desenvolvimento a níveis regionais.

Aí está a caracterização inicial do que se ja o princípio do êxodo rural.

Esta fuga do ser humano do meio rural para o campo metropolitano é o ingrediente fundamental no crescimento populacional das cidades de médio e grande porte, notadamente, aquelas que apresentam um maior desenvolvimento industrial e cultural.

Tôda essa movimentação tem como base os seguintes objetivos:

- Busca de emprego e escolas para os filhos;
- Atração pelo conforto e embelezamento das grandes cidades;
- Mecanização da lavoura e a consequente dispena de mão-de-obra desqualificada;
- Problemas diversos com a terra; e,
- Inclemências do tempo, como geadas, enchentes e seca, etc.

Goiânia, em particular, com o advento da fundação de Brasília, e, como maior cidade do Estado serviu o empreendimento como maior órgão de apoio, àquele canteiro de obras. E, para cá, como para todas as cidades circunvizinhas, vieram verdadeiras avalanchas de pessoas à cata de empregos. Goiânia, por ser a maior e mais bem estruturada cidade, foi a escolhida. E, como, esta estava tentando absorver os seus problemas caseiros próprios, com este enchimento chega ao caos.

Evidentemente, que essa agitação toda, em alta rotatividade, trouxe consigo uma gama enorme de problemas repentinos, principalmente à época, em que Goiânia dispunha somente de alguns poucos hotéis e pensões para abrigar a todos, e, isto foi um dos princi-pais fatores de Goiânia estar super inchada.

Geralmente, o pequeno produtor, em busca de melhores dias para si e sua família, muda-se para a cidade, e, com a venda de seu sítio, o apurado em dinheiro, dá somente para comprar um barracão na periferia, da cidade e para sobreviver poucos dias, na falta do emprego. Diante, pois, de tantos obstáculos ele passa, muitas vezes a roubar.

1.4. APARECIMENTO DAS FAVELAS

Dado ao crescimento exagerado da população urbana nas cidades de médio e grande porte, e, estas por sua vez, sem o conseqüente ordenamento urbanístico e sem infra-estrutura, se viram diante de seríssimos e insolúveis problemas. O principal deles, tal-vez, consiste na busca incessante de moradias. Contudo, se torna uma verdadeira via-crucis encontrar moradias, diante de dois aspectos que consideramos a seguir:

- O primeiro aspecto a ser considerado é a "Carência de imóveis" - Com o inchamento da População, ficou quase impossível a disponibilidade de imóveis para aluguel; mesmo porque, a lentidão do desenvolvimento não consegue acompanhar a rapidez da densidade demográfica.

- O outro aspecto, trata-se das "pequenas" condições financeiras" - Se a pessoa não consegue um emprego sequer para sua manutenção dentro dos padrões mínimos à sobrevivência, é notório que não podrá pagar uma locação.

Dai, conclui-se que a única saída, voluntária ou não, é a construção de um barraco (de papelão, tábuas de caixotes) num terreno público ou até mesmo de particulares. Ao lado deste, se constrói outro, e mais outro. Forma-se uma aglomeração de barracos, inicialmente denominada de "invasão".

Surge desta aglomeração de barracos, as conhecidas favelas, que trazem em seu bójo uma infinitude de problemas sociais. Os que ocorrem com maior frequência são: a Promiscuidade Sexual (uma família,

e vários filhos morando num barraco de um cômodo só) por falta de um programa de saneamento básico; riscos crescentes de desabamentos; falta de um programa educacional; marginalização e apropriação ilícita de bens públicos ou privados.

Em Goiânia, constantemente se constata as invasões, sempre contando com o concurso da Polícia Militar para aclamar ânimos exaltados. Muito embora não seja papel de desempenho da Polícia Militar, esta tem sempre colaborado para a solução imediata do problema.

As invasões de terras e advento de vários grupos de favelados não é privilégio somente de nossa Capital. Em todo o País existe estes tipos de coisas, normalmente acompanhados de crimes horrorosos.

1.5. FAMÍLIA DESAGREGADA

Já vai longe o tempo da família tradicional, que se reunia ao redor da mesa para o café, almoço ou jantar. Já vão longe os encontros de final de tarde, no coreto da pracinha, ao som dos acordes de um sonoro violão. As cidades cresceram, e com elas os problemas. Surgindo de toda parte e sob todas as formas. Aquele tempo romântico, cedeu lugar ao medo, ao desespero e desconfiança. Hoje já não há mais lugar para sonhos e devaneios. Nossos velhos atualmente só vivem de recordações daquele tempo de paz. A harmonia entre familiares e vizinhos era a tônica maior imperante.

A juventude atual, já nasceu sob o estigma do desenvolvimento, da tecnologia e da informática. Não mais tempo para o romantismo, que agora faz parte de um passado recente.

Aparece, resultante dessa mudança brusca,

vivida pelas cidades e populações, o achatamento populacional, o alastramento das favelas, as constantes invasões e tantos outros modos de desagregação da família.

Os adolescentes que formam a atual juventude, trazem consigo o gérme da desagregação, da contestação e do insurgimento contra a ordem constituída. Este gérme foi impregnado na juventude, nos idos dos anos 60, quando surgiram a Guerra do Vietnam, terrorismos, assaltos, violência urbana e o pior, excesso de tóxicos cujos reflexos incidiram diretamente na base familiar.

O tóxico trouxe consigo o aumento da prostituição, degradação social e o escamoteamento da célula máter da sociedade: a família.

As causas aqui relatadas, não atingem somente os menos favorecidos economicamente, mas a toda uma geração. Os mais favorecidos, possuem condições de buscar novas aventuras e maneiras de curtir a vida, através da cocaína, LSD e tantas outras maneiras. Já o pobre se contenta até mesmo com a cola do sapateiro.

Essa euforia à procura de novas formas sociais e reformas políticas, universitárias, etc., acabam atingindo à prostituição, homossexualismo, AIDS e a consequente perda dos valores sociais, éticos e morais; e com isso o ponto final na ordem familiar e, o início da consolidação da desagregação.

A desagregação familiar tem como causas maiores ao nosso ver, a comunicação de massa e o dinheiro. A televisão, como veículo de comunicação de massa porque, mostra telenovelas enfocando briga no lar, entre casais, agressões de todo tipo, violência no próprio lar.

O dinheiro, porque as classes mais abastadas têm uma grande parcela de responsabilidade em tudo isso, ao condicionarem a seus filhos menores, presenteando-os com carros, motocicletas e mesada gorda. Para estes, o uso do álcool, das substâncias tóxicas e do fumo representa "status", curtição e liberdade.

Estes jovens, pela facilidade que têm de possuirem tudo o que querem, se imiscuem no mundo colorido das drogas, como forma de extrapolar conceitos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado e, acima, de tudo, como forma de ostentação econômica o que lhe propicia impunidade pelos seus atos.

2. CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA URBANA

Atualmente, em todos os ciclos de palestras, conferências, simpósios, seminários, debates e encontros, floresce o tema violência urbana e os índices de criminalidade cada vez maiores e, vários posicionamentos são tomados em favor da defesa dos direitos humanos.

Convivemos diuturnamente com o fenômeno da violência urbana, em todos os seus segmentos e cores. Não por pertencermos a uma instituição encarregada de fazer sua contenção e combatê-la, mas porque, como todos a tememos.

O efeito da violência urbana que campeia o mundo e, em particular o Brasil e as cidades de médio e grande portes, está na delinquência infantil e juvenil, fruto, muitas vezes, da desagregação da família.

Existe o menor na rua e o menor da rua, o que se torna um paradoxo a muitas opiniões. O menor na rua, diz ser aquele que se direccionou até a escola, e abandonou-a, saindo à rua em busca de meios de subsistência; porquanto o menino da rua, é o que nem escolas teve, sem lar e abandonado. O primeiro, sai a engraxar sapatos, lavar carros, com finalidade de adquirir sustento para si ou para a família; o segundo, abandonado à própria sina, é o trombadinha no presente e o grande assaltante no futuro.

A imprensa focaliza todos os dias, cenas de violência e suas consequências funestas, principalmente à adolescência, pela brusca mudança social.

No decênio 75-85, principalmente, virou moda no País, as ações de violência, roubo, assalto, estupro, sequestro (tivemos um recentemente, que culminou com a morte do sequestrador, no aeroporto de Goiânia), homicídios de todos os tipos, violência de toda ordem,

social, psíquica, financeira ou moral, que já não nos proporciona susto algum, pois, como já dissemos, faz parte do cotidiano das grandes cidades.

2.1. ARMAMENTO- FACILIDADES

Rebeldes
A arma, seja revólver, carabina, escopeta ou qualquer tipo congênere, que via de regra, só pode ria ser usada pelo profissional da Segurança Pública, se transformou em mercadoria comum, nas lojas especializadas no ramo em todo o país.

As óbices são muitas, somente para o Policial-Militar, quando este tenta adquirir um revólver para seu uso próprio. Pois, do mesmo é exigido uma série de documentos, que começa com a certidão negativa se estendendo até uma autorização da parte de seu Comandante. Já o cidadão do povo adquire uma arma, com a símples apresentação da carteira de identidade e ou tros documentos exigidos pela lei, mas de fácil expedição pelas delegacias, mormentes as do interior.

Nas grandes metrópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo, onde a violência urbana já faz parte do dia-a-dia, dentro ou fora de casa o cidadão está sempre ameaçado de ser assaltado. Ou até de ser morto. Nem mesmo em apartamento, outrora considerado mais seguro, o cidadão pode, hoje, sentir-se absolutamente protegido.

Com toda essa violência, o brasileiro já começa a pensar em se defender. Muita gente está montando seu próprio esquema de segurança, já que o Estado, que deveria assegurar proteção ao cidadão, está sendo incompetente para fazê-lo. Então, é comum, o cidadão instalar alarmes, cofres, grades, vigias, comprar cachorros e armas.

Apesar da retração do mercado - os preços subiram recentemente mais de 50 % -, o número de ar

mas vendidas vem sendo significativo, em tôdas as grandes cidades. Contudo, mesmo pressionada pelo mêdo, a população esquece que para comprar arma é preciso know-how. Mesmo não tendo critérios para a compra de uma arma, as pessoas devem também saber como e onde guardar ou transportá-la, e, o mais importante, como usá-la.

Para o bandido, adquirir uma arma é mais fácil ainda. Quando ele ao vitimar alguém, assaltando, dentro de casa ou alhures, e este alguém estiver de posse de uma arma, será para ele uma fonte para o mesmo se armar. Por outro lado, o delinquente consegue esta arma que lhe chega às mãos, oriunda de contrabando.

Em face dessas facilidades em se armar, o delinquente vai sempre levar vantagem sobre a Polícia, pois esta é sempre deficiente no que concerne a recursos para se armar e equipar, ao passo que o outro lado, com o produto do roubo, consegue sempre uma boa arma à sua disposição.

Por culpa das autoridades governamentais, os organismos policiais vão sempre andar atrás dos marginais em passo de tartaruga, pois, sempre vai existir problemas de recursos em se aparelhar. Num assalto bem sucedido, o marginal, vai sempre conseguir numerário necessário para se equipar e se armar até mesmo com armas sofisticadas. Sem contar, que as fugas são sempre em carros modernos e velozes.

A psicose da violência ativou um mercado de segurança ainda incipiente no país e abriu espaço para a criação de empresas especializadas no setor, que investem na área de cursos e palestras, planejamento e treinamento em segurança.

2.2. A CONVICÇÃO DA IMPUNIDADE

" A justiça atrasada não é ju
stiça, senão injustiça qualifi
cada e manifesta ".

- Rui Barbosa-

Infelizmente, para nós brasileiros, a má
quina da justiça é deverasmente lenta e entravada. ' Sua ação é muito onerosa e sempre morosa, o que vem ' a causar na sociedade, o descaso e a desconfiança.

Apesar de conhecermos a capacidade e efi
ciência da maioria dos nossos magistrados, a morosi-
dade, entretanto, da máquina judicial tem prejudica-
do sensivelmente, o processamento com mais rapidez ' dos fatos delituosos.

Esta deficiência da justiça, tem seu ponto
inicial nas delegacias de polícia, onde se inicia a
ação penal, através do Inquérito Policial.

O caminho a ser percorrido pelo Inquérito '
Policial, uma peça meramente informativa, vai de sua
conclusão até o oferecimento da denúncia pela Promo-
toria Pública. É uma verdadeira jornada, dada a vaga
rosidade da justiça, muito longa e demorada. Nesse ' interim, o criminoso, além de beneficiado, se sente ' bastante estimulado a prosseguir em sua senda crimi
nosa, com total liberdade para a reincidência ou a
prática de novos crimes.

É muito comum, no Brasil, o marginal pos- '
suir dois ou mais registros numa mesma delegacia e
ainda ser considerado réu primário, beneficiado pe
vários instrumentos da justiça.

Muitas vezes, o caso requer uma ação mais '
drástica da justiça, como a pena de reclusão, por /

exemplo, esta se esbarra na carência de presídios, 'mormente superlotados.

De uma maneira ou outra alguém é sempre beneficiado, com pena comutada ou indultada, a fim de que possa sobrar vagas para os criminosos de alta periculosidade.

O somatório disso tudo leva a população a desacreditar nas autoridades constituídas e nos sistemas de Segurança Pública, de Persecução Penal e de Justiça Criminal.

Daí, advém a idéia de "impunidade", com / ela a convicção de que o delito campeia solto e seus autores inteiramente à vontade. A ação da Polícia Militar de prevenir e até mesmo reprimir, com isso, cai no descaso popular.

Outro fator bastante grave, que incrementa a violência e, geralmente, fica impune, ocorre nas ruas, é o trânsito. A violência no trânsito, tipifica um crime apenas culposos, raramente punido. As medidas punitivas aplicadas não passam de multas, apreensões de CNH e outras sanções inócuas.

Ninguém até hoje, foi condenado, não conhecemos nenhum caso, por haver tirado a vida de terceiros em acidentes de trânsito.

Em todas as grandes cidades, existem os 'loucos do volante, que embriagados ou não, imprimem' nos veículos alta velocidade, invadem semáforos, ceifam vidas e não assumem riscos ou responsabilidades' pelas consequências.

Urge, no nosso entendimento, uma reformulação na legislação do trânsito, com maior rigor contra o infrator, a fim de diminuir o índice de acidentes com vítimas fatais.

2.3. SOCIEDADE INSEGURA

A sociedade de modo geral sente um ávido de sejo de segurança. Essa ansiedade nós sentimos no de correr do nosso dia-a-dia, a cada instante que passa.

A certeza da falta de segurança em nosso país é tanta, que seu reflexo tem impregnado e transformado o comportamento de muitas pessoas, levando-as a cometimento de gestos monstruosos e extremos.

Quantas vezes, ao ligarmos nosso aparelho ' de televisão, deparamos com a reportagem sobre crime' horróroso, em que o criminoso foi apanhado e recolhido à cadeia pública pela polícia, aguardando decisões da justiça; a população revoltada, toma de assalto à aquela cadeia, processando o linchamento do mesmo.

Os altos percentuais de criminalidade vio-lenta que assolam o país, tem proporcionado grande repercussão na sociedade que se levanta num só clamor ' por justiça e segurança.

A segurança, atualmente, tem sido mais relevante que a própria liberdade. ALDOUS HUXLEY, disse em sua obra *Ciência, Libertad y Paz*, que " Na época ' atual, os horrores da insegurança tal como os temores visto já, na desocupação, em massa, impressionaram ' tão profundamente a mente popular, que, se, se desse' para escolher entre a liberdade e a segurança, a maioria preferiria, quase sem vacilação, a segurança". A tendência da população, diante, pois, de tanta insegurarança, é se enclausurar em autênticas fortalezas, no intuito de resguardar bens patrimoniais, a família e a própria vida.

As autoridades promovem simpósios, seminá-rios, CPI da violência, mutirão da violência, destinado

dos a mobilizar todos os segmentos da sociedade para a erradicação da "síndrome da violência", que segundo palavras do próprio Presidente Sarney, vem "desfigurando o Brasil, corroendo nosso estilo de vida, ameaçando a fisionomia de uma Pátria de irmãos". É tudo muito bonito, mas o que é lamentável é que as soluções só ficam nos papéis.

Nas duas últimas décadas, houve mudança radical na sociedade, como também mudou-se o perfil do criminoso, ocasionando conseqüentemente uma mudança na qualidade dos crimes e a sua frequência, o que fez subir assustadoramente os índices criminais.

A violência, somada à criminalidade totaliza mêdo, que por sua vez, afeta profundamente o pacto social da cooperação, respeito mútuo, valorização da vida alheia e do patrimônio individual. Esta desagregação, enseja uma situação mais grave, a destruição total da sociedade que em sentido original é a ajuda recíproca, vida em comum e disciplina estabilizada pe la ordem, justiça e harmonia.

3. POLÍCIA MILITAR - ATUAÇÃO

As Policias Militares, atuam conforme embasamento legal, no parágrafo 5º, ítem V, do Artigo 144, 'Capítulo III, que trata da Segurança Pública, da Nova Carta Magna do país, promulgada no último dia 05 de outubro do corrente ano, que estabelece: " As Polícias Militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos Corpos de Bombeiros Militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução ' de atividades de defesa civil ".

Mais adiante, no parágrafo 6º, do mesmo artigo, está delineada a nossa subordinação: " As Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, Forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se, juntamente com as Polícias Civis, aos Governadores dos Estados do Distrito Federal e dos Territórios ".

Antes de entrarmos no campo da atuação das Polícias Militares, propriamente dito, é mister que nos prendamos em alguns conceitos de suma importância para o contexto:

Segundo o Manual Básico de Policiamento Ostensivo, editado pela Inspeção Geral das Polícias Militares - IGPM - através da Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul, temos os seguintes conceitos:

" Segurança Pública é a garantia que o Estado - União, Unidades Federativas e Municípios - proporciona à Nação, a fim de assegurar a Ordem Pública, contra violações de toda espécie, que não contenham conotação ideológica ".

" Ordem Pública é o conjunto de regras formais, coativas, que emanam do ordenamento jurídico da Nação, tendo por escopo regular as relações sociais em

Respostas

todos os níveis e estabelecer um clima de convivência harmoniosa e pacífica. Constitui, assim, uma situação ou condição que conduz ao bem comum ”.

” Preservação da Ordem Pública é o exercício dinâmico do poder de polícia, no campo da Segurança Pública, manifestado por atuações predominantemente ostensivas, visando a prevenir e/ ou coibir eventos que violem essa Ordem para garantir sua normalidade ”.

” Policiamento Ostensivo é a atividade de manutenção da Ordem Pública executada com exclusividade pela Polícia Militar, observando características, princípios e variáveis próprias, visando a tranquilidade pública ”.

” Tranquilidade Pública é o estágio em que a comunidade se encontra num clima de convivência pacífica e harmoniosa, representando assim uma situação de bem-estar social ”.

* Dentro da nossa missão precípua de Polícia Militar, o mesmo manual traz os tipos das ações e operações de Policiamento Ostensivo:

- Policiamento Ostensivo Geral;
- Policiamento de Trânsito;
- Policiamento Rodoviário e Ferroviário, nas estradas estaduais;
- Policiamento Florestal e de Mananciais; e,
- Policiamento de Guarda.

Depois de se fazer uma análise dos conceitos já referenciados, podemos notar que a atuação da Polícia Militar encontra maior destaque no campo da Segurança Pública, ora levando a tranquilidade à comunidade garantindo-lhe a preservação da propriedade e direitos, ora desencorajando as ações depredatórias ’

de marginais; ora na repressão dos delitos e contravenções, ora na prestação de serviços de proteção e socorro aos mais necessitados e vitimados pelas catástrofes e calamidades públicas.

A atuação da Polícia Militar deve legalmente se estruturar nos princípios dos conhecimentos técnicos e da obstinação, ou seja, atenuando, removendo ou resolvendo as causas do fenômeno resultante da criminalidade e violência.

A própria preservação da ordem pública exige de quem dela se ocupa, a dedicação sob os pressupostos do risco, disciplina, coragem, lealdade, além de uma extensa escala de qualidades e virtudes.

Daí, a preocupação do Comandante da Polícia Militar do Estado de Goiás, quanto a preparação de seus componentes, orientando-os, da melhor maneira possível, técnica e profissionalmente para a sua missão precípua que é promover a tranquilidade pública objetivando o bem-estar comum.

À Polícia Militar, instituição voltada para a preservação da ordem pública do Estado, compete, como força de vanguarda, combater todo e qualquer ato que venha a alterar essa ordem e, lutar cotidianamente contra as situações de crueldade proporcionadas por delinquentes, sentindo de perto a severidade do problema imposto pela violência.

3.1. VIOLÊNCIA URBANA- POLICIAL MILITAR

A violência praticada por alguns policiais, está ^oinserida na origem das polícias. Anteriormente, as polícias foram criadas para mediar as relações sociais entre as pessoas nas cidades. Com o passar do tempo, as polícias passaram a se confundir com a própria adminis

tração da cidade. De forma que, as polícias por delegação de competência dos governantes, passaram a agir , por imposição, muitas das vezes, arbitrariamente, extrapolando os limites legais. A polícia era, então, a representação da força e do poder. Por isso, até hoje, / ainda perdura esta tradição, para muitos.

A violência policial, exercida por uma grande minoria, segundo o Cap PMMG Pedro Seixas da Silva, ' no Brasil, pode ser dividida sob três parâmetros bas- ' tante visíveis. Antes da Revolução de 31 de março de ' 1964, era de competência da Polícia Civil o exercício ' do policiamento ostensivo, através da guarda civil, ficando a Polícia Militar, como reserva do Exército, aquartelada, pronta a agir como participante do sistema de defesa interna e de defesa territorial. Essa inte- ' riorização da Polícia Militar aquartelada só ocorria ' nas capitais, vez que no interior de cada Estado, era ' ela que fazia a Polícia Administrativa e a Polícia Ju- diciária, porque o delegado era, quase sempre, Oficial da PM; o escrivão, um graduado, e, na rua, existiam os PM atuando preventiva e repressivamente. Nessa época prevaleciam algumas violências policiais, tanto da Po- lícia Civil, quanto da Polícia Militar, contra peque- ' nos e mal integrados grupos dentro da sociedade. Nes- ' ses grupos incluíam prostitutas, vendedores ambulantes e os menores.

De 1964 até 1979, a violência policial era contra sequestradores e criminosos contestadores do Regime, executada pelos integrantes das Forças Armadas, auxiliados por Policiais-Militares e Civis. É dessa épo- ca, também, a violência do denominado "Esquadrão da ' Morte". De 1979 até nossos dias, momento em que a im- ' prensa tem ampla liberdade para divulgação dos fatos, '

existe uma tendência exagerada em se divulgar os casos em que a violência é presença constante. Não há direcionamento específico de violência policial, mas, sim, casos isolados de policiais que, nas suas ações, acabam por exceder aos limites da lei, denotando um comportamento contrário às ordens e orientações recebidas.

Cabe ressaltar sempre, que os poucos casos de violência policial, são frutos de policiais desequilibrados psiquicamente, mal preparados, fatores que sempre mereceram o repúdio da Administração policial, com as conseqüentes medidas corretivas de imediato, sempre culminando com o licenciamento disciplinar do policial violento, do seio da Corporação.

São casos raros na Polícia Militar do Estado os de violência policial.

Segundo palestra sobre "Violência Policial - O Problema, suas causas e Soluções", proferida pelo Cel PMMG Klinger Sobreira de Almeida, a violência em princípio, importa num ato de força, num ato brutal, tornando, pois, a forma física, tanto pode ser material como pode ser moral.

1. "Violência Material - resulta da agressão física, do atentado físico, ou do emprego de força necessária à insubmissão da pessoa. Pode ser também contra a coisa".

2. "Violência Moral - caracterizada pela ameaça ou intimidação de quem detenha a força ou poder, desestrutura o arcabouço psíquico da pessoa gerando medo, humilhação, receio".

Assim, não há como confundir a Violência Legal da Violência Arbitrária. A primeira é o ato de força empregada em consonância com a lei e não chega a constituir abuso de poder, a segunda, é o excesso, o

desvio do poder.

Na efetuação de uma prisão legal, sempre precedida de ordem de autoridade competente ou flagrante delito, é admissível que o policial, sem violência arbitrária ou abuso, empregue a força física, nos casos de resistência, desacato, agressão, desobediência e tentativa de fuga.

A violência arbitrária é o emprego da força física fora do estabelecido em lei, nesse caso o autor da violência fica sujeito às normas do Código de Processo Penal e Militar.

A violência policial é um dos componentes da violência urbana, embora esta não tenha se originado daquela.

É tempo de precaução. Vivemos uma nova realidade. Daí a necessidade como policiais mais experimentados que somos, de conscientizar nossos policiais-militares a se pautar dentro do bem servir à comunidade, combatendo a violência sem usar de violência, objetivando levar à sociedade, a paz, segurança e tranquilidade, trinômio que ela espera de nós.

3.2. POLÍCIA MILITAR - COMBATE À VIOLÊNCIA

A Polícia Militar em qualquer parte deste País, está sempre a desafiar a violência, o delito e os criminosos seja de que tipo forem. Atualmente, em que o vírus da violência está mais vivo do que nunca, corroendo uma sociedade que clama por paz, segurança e tranquilidade, onde todos os segmentos da comunidade nacional são mobilizados para a luta contra este vírus urge que os esforços da PM sejam redobrados.

Diante dessa mobilização é, que, o policial-militar empregado nas ações de policiamento ostensivo, deverá estar capacitado e apto a cumprir sua missão.

No decorrer do Curso de formação, é que o policial-militar adquire os ensinamentos e orientações , básicas para o desenvolvimento de sua árdua e espinhosa missão.

A Polícia Militar, no intuito de amenizar e ajudar o jovem interiorano, que pleiteia uma vaga na Corporação, já tem descentralizado, fazendo com que o mesmo faça a seleção, treinamento e formação nas OPM , do interior do Estado, a fim de que depois de formado, possa ser empregado na própria região, evitando deste modo aquele demorado período de adaptação, do soldado do interior empregado na Capital.

Por outro lado, o elemento do interior, conhece de perto, o pessoal da região e tem amplas condições de saber quem é honesto e quem é marginal, podendo, inclusive, ser aproveitado nos serviços de maior , envergadura dentro da Corporação.

O delinquente na verdade, deve se sentir inibido com a presença do policial-fardado, o que para ele se constitui em óbices para a consecução de seu objetivo criminoso.

A ação preventiva da PM, consiste em:

1. Evitar o acontecimento do indesejado;
2. Obstacular o caminho do marginal;
3. Observação constante e permanente vigilância; e,
4. Necessidade da informação que anteponha a presença do indesejado.

Por isso é necessário que o PM seja muito , bem informado, apto e competente na verdadeira etimologia da palavra.

Prevenir é estar à frente do crime, impedir sua concretização, por isso mesmo é importante que a informação seja antecipada via dos órgãos responsáveis pela segurança pública e social, no caso o serviço de , de informações da Polícia Militar.

Ultimamente, a Polícia Militar tem se saído, muito bem com a criação dos Postos Policiais-Militares nos bairros, aproveitando para o serviço, o PM residente no próprio bairro, com condições de conhecer de perto os marginais que atuam nos setores periféricos.

A Polícia Militar, tem acompanhado par e passo a evolução tecnológica do combate ao crime. Para isso, implantou o sistema de computadores eletrônicos, para o registro integral das ocorrências policiais. Via, de seu sistema de comunicações, o COPOM, tem amplas possibilidades de prestar informações completas de determinada ocorrência.

É salutar transcrever na íntegra, as palavras do Coronel Leonel Archanjo Affonso, da PMMG, com relação ao PM no combate à violência urbana:

" Ontem, como hoje, qualquer que seja o momento histórico vivido, milhares de Policiais-Militares estiveram postados diuturnamente, sem um minuto de trégua, nos locais de risco, ruas e avenidas, sempre junto ao cidadão, para dar-lhe segurança, sobretudo preventiva, para isentá-lo da ação deletéria dos que, lamentavelmente, se desviaram para o marginalismo social.

O exercício dinâmico das atividades Policiais-Militares sempre levou o profissional de segurança pública a movimentar-se intensamente, averiguando, advertindo, assistindo, atuando ou efetuando prisões, com o fim exclusivo de criar o clima de convivência harmoniosa e pacífica, representativo de uma situação de bem-estar social.

Muitos dos nossos perderam a vida, ainda hoje a perdem e não hesitarão em sacrificá-la em benefício da integridade física, da incolumidade moral, da vida e do patrimônio, independente do espaço que, no dia

seguinte, lhes hão de dedicar os meios de comunicação, do reconhecimento ou mobilização da sociedade em seu favor.

Essa é a saga do policial-militar de todos os tempos, uma vida plena de sacrifícios, de espírito, de renúncia e silenciosa dedicação ao dever, elementos sem os quais não é possível levar a bom termo a missão nobilitante de dar proteção à sociedade ”.

3.3. VIOLÊNCIA - INCIDÊNCIA CRIMINAL

” Um país de imprensa degenerada ou degenerescente é um país cego e miasmado, um país de idéias falsas e sentimentos pervertidos, um país, que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições ”.

(Rui Barbosa- A Imprensa e o dever da Verdade).

A expansividade dos meios de comunicação tem levado com uma velocidade incrível e espantosa, às mais longíquas localidades brasileiras, imagens e notícias sobre crimes com violência, na mesma proporção com que veicula as mensagens de propagandas comerciais.

As metrópoles de médio porte, também vivem em solidariedade com as granges metrópoles o problema da ” síndrome da violência ”, que, indiscriminadamente é levada às mais distantes regiões do país.

Muitas vezes, no afã de atrair mais leitores, aumentar tiragens de jornais e o conseqüente crescimento junto ao IBOP, algumas empresas carregam notícias sobre crimes e violência, mormente, flutuantes, distor

cidas, degeneradas e muitas vezes pervertidas.

A facilidade do contacto colloquial do elemento da imprensa com o marginal, o criminoso ou o facinoroso é muito grande, e, deste colóquio, emana muitas vezes, técnicas de arrombamentos de carros, assaltos à bancos, falsificações, arrombamentos à casas e apartamentos, insurgindo, inclusive, nos tendenciosos, a prática de crimes ou até mesmo despertando tendências há muito adormecidas para a criminalidade.

No ano de 1979, o país atravessava uma enorme onda de violência, o então Ministro da Justiça, Petrónio Portela, através da Portaria nº 689, datada de 11 de julho, constituiu uma comissão de juristas para tratar do assunto inerente aos meios de comunicação com a violência e a delinquência no país. Assim se manifestou a comissão, num relatório final:

" Este grande elemento de informação que é a imprensa honesta, sóbria e dignificante, está sujeito; em alguns casos, a uma orientação errônea que altera e perverte o fato, fazendo flutuar a opinião pública, opinião despreparada culturalmente, para rumos incertos, desconhecidos e até perigosos na apreciação dos julgamentos.

A justiça criminal para ser distribuída, fica, não raro, ao sabor do posicionamento da imprensa, que orienta a opinião pública ao sabor de seu desejo, nem sempre coincidente com os mais altos propósitos das decisões penais. Assim como se fala da violência institucionalizada da polícia, seria possível falar-se de violência que os meios de comunicação resolveram institucionalizar. Páginas inteiras falando com linguagem descabida, adjetivação escandalosa, das liberdades conjugais, sexuais, das luxúrias, dos costumes, da liberti-

nagem das criaturas humanas, falando dos crimes de sedução, de estupro, de assalto, de roubo, de sequestro, de extorsão, como se tudo fosse o grande e principal elemento de cultura para inteligência do povo brasileiro".

Howard Jones, ao analisar o crime em sociedade em evolução, afirma:

" A imprensa dedica muito espaço ao crime e muito mais espaço ao crime de violência e sexo do que a sua importância na contextura geral poderia justificar. Muitos jornais sobrepõem a preocupação de atrair leitores à de dar notícias e, no que respeita a notícias de crimes, isso induz-nos num apelo ao interesse que a violência e o sexo em nós desperta "

3.4. POLÍCIA MILITAR - VIOLÊNCIA - MODERNIZAÇÃO

Goiânia, a exemplo das demais cidades de médio e grande porte do país, se viu num crescendo desordenado, contrariando o que não houve, ou seja, planificação e diretrizes urbanas. Cresceu naturalmente. Com este crescimento os inúmeros problemas de violência.

Nos idos de 1958, com o advento da construção da Capital Federal - Brasília, o êxodo rural e a própria explosão demográfica, a cidade inchou-se denunciando problemas. Seu crescimento em ritmo acelerado, evidenciou que um crescimento repentino tem como consequência a deteriorização da vida de seus habitantes.

Sem objetivar paralelo entre os fatores crescimento e deteriorização de vida, a Polícia Militar, como órgão de manutenção da ordem pública, inevitavelmente, verá cair em seus ombros grande parcela das consequências, sendo, portanto, condição imperiosa que tome providências urgentes para reversão ou estacionamento desse quadro.

Visando acompanhar na mesma velocidade, a evolutiva corrida da criminalidade, a Polícia Militar do Estado de Goiás, nos últimos anos, introduziu profundas modificações na sua estrutura operacional:

- Intensificou o serviço de Policiamento Os-
tensivo no centro da cidade, local por tradição visado pelos delinquentes e marginais;

- Criou Postos Policiais-Militares nos bair-
ros periféricos da cidade, onde é presumível a maior
incidência criminal. Aqui inclusive, os Policiais-Mili-
tares são moradores do próprio bairro;

- Mais rapidez nos atendimentos às solicita-
ções da comunidade;

- Racionalização dos atendimentos de ocorrên-
cias, delimitando áreas de operação, consequentemente,
particularizando responsabilidades às unidades da capi-
tal;

- Aumento do efetivo das 2ª Seções, visando a
maior detecção de focos e locais de risco;

- Estreitou o relacionamento entre PM e impre
sa;

- Intensificou o combate à criminalidade e à
violência, através da Companhia de Policiamento de Cho-
que, dentro desta a unidade tática de alta mobilidade,
e relativo poder de ataque - ROTAM, reaparelhou o ca-
nil, aumentando o número de cães, com melhor adestra-
mento e acompanhamento veterinário;

- Conta com um helicóptero para apoio às ope-
rações de choque, nas eventuais perseguições de assal-
tantes em fuga;

- Modernizou o sistema operacional do COPOM -
com o emprego de computadores, no intuito de reduzir
a chamada/resposta nas ocorrências da área metropolitana;

- Criou uma Companhia de Polícia Militar Feminina, que muito veio a somar às operações de combate à violência, com atuações nos serviços de trânsito, nos locais onde o fluxo de pessoas é enorme, como nos terminais rodoviários, aeroportos e escolas, e, ainda, colabora sobremaneira, com policiais no serviço de telefonia do COPOM;

Frutíferos e bons resultados foram e estão sendo alcançados, contudo, a Corporação se ressent ainda de reaparelhamento mais moderno para uma atuação mais eficiente e eficaz na luta contra a violência.

Algumas propostas para melhorarmos o nosso serviço de Policiamento:

1. Maior destinação orçamentária para a Corporação;
2. Modernização dos meios de comunicação;
3. Renovação da frota com viaturas que se adequem ao serviço (veraneios com xadrez, opalas, etc);
4. Formação de mais pilotos para o helicóptero, que não dispõe de nenhum piloto Policial-Militar;
5. Mudança da Cia de Choque para Batalhão de Policiamento de Choque, inclusive, com treinamentos diários, como faz a ROTA em São Paulo, para o pessoal de Choque, inclusive, cursos de especialização em outras Polícias.

IV. CONCLUSÃO

Estamos a viver uma época cheia de violências emanadas das insatisfações gerais advindas do confronto de gerações despreparadas para a vida. E é no seio da família, no recesso do lar, que se inicia, por omissão dos pais, todo o processamento de crueldade. A maleabilidade dos costumes, a facilidade do prazer, a ostentação de opulência, a ansiedade pelo prestígio, a estabilização a qualquer preço, a qualquer custo, de "status" social elevado fazem com que o casal se desdobre no trabalho fora do lar, a fim de conseguir maior soma de numerário possível, capaz de garantir-lhes a satisfação desses desejos. Enquanto isso, os filhos ficam, se crianças, aos cuidados de outras pessoas indiferentes; se jovens, à sua própria sina, sem assistência, desamparados, esquecidos e incompreendidos, conduzindo consigo as interrogações próprias da idade, acumulando, dentro de si, os seus próprios problemas e, muitas vezes, os dos outros companheiros de infortúnio, vítimas de pais semelhantes.

Algumas casas não passam de ponto de encontro onde ao cair da noite, todos se calam diante do despotismo escravizante do aparelho de televisão. O jovem não vendo no pai ou na mãe os companheiros, os amigos certos de todas as horas, nem um exemplo a seguir, caminha sob seus próprios impulsos, procurando com os outros amigos, o verdadeiro sentido da vida.

Não tendo recebido no lar os princípios salutaros da religião, da família, do respeito mútuo, o adolescente, tem a falsa impressão de que na vida tudo tem que ser improvisado, executado de acordo com as

circunstâncias, que os prazeres são mais importantes, e após saboreá-los até à sociedade, entrega-se à frustração de desalentos, e, com ela, ao desespero. Para superá-la, o mentalmente fraco apela para o uso das drogas e aí, em frenéticas oscilações progressivas de euforia e depressão, nasce insolitamente o criminoso. O adulto, também é sua vítima, quando, fazendo uso da mesma permissividade desenfreada dos adolescentes, sente que o sexo sem amor é ilusão. Em nenhuma outra época vivemos o paradoxo que hoje observamos. Nunca houve juntos tanto amor e tanto ódio. Nunca houve juntos tanto prazer, e tanta insatisfação. Nunca houve juntos tanta busca e tanto desencontro.

O homem se encontra perdido no abismo de suas idéias e preocupações, procura na matéria a explicação de tudo, com isso se esquece de Deus. Vítima, pois, de sua descrença, os prazeres materiais cada vez mais procurados por ele já não o satisfazem. Homens e mulheres deixam os lares abandonados como cidadãos que se marginalizam da sociedade, como delinquentes, deixando na esteira de sua irresponsabilidade a prole desamparada, e sem rumo. Menores desamparados, vitimados pelos desajustes da família, pisam e se afundam cada vez mais no campo de areia movediça da delinquência, sendo hoje um problema cruciante em todo mundo.

A criança faminta, escorraçada, maltrapilha, atrevida, mal-criada, irreverente, sofredora e sem qualquer esperança é a vergonha maior das civilizações modernas e a sempre crescente ameaça da paz pública.

As funções de procriação, educação, emocionais e econômicas da família monogâmica cristã perdem continuamente sua estabilidade, desmoronando o lar e deixando seus membros ao desamparo dessa sociedade hedonista e irresponsável que o debilita.

O homem, vítima, pois, dessas forças desagregadoras a que não consegue controlar, nem compreender e nem ser compreendido, vinga-se de si mesmo e do mundo, através da violência. Onde surge, então, os assaltos, os sequestros, os furtos, os estupros, os estelionatos, as fraudes, os abortos, as vias de fato, os toxicômanos, os adultérios, a prostituição desenfreada.

Do simples palavrão de rua ao crime mais revoltante, a perigosa neurose do homem moderno cresce a cada momento. Mas como já frisou alguém, o perigo do mundo não reside somente na maldade dos maus, mas também na estafa dos bons. E todos têm o dever de lutar pelo bem.

Estamos a viver um período da história a um só tempo muito bonito e terrível. De um lado, a evolução da mecânica, da eletrônica, da medicina, dos transportes, das indústrias e das ciências em geral que, multiplicando as possibilidades do homem ao infinito, lhe vislumbra um horizonte vastíssimo de satisfações, conforto e prazer. Do outro, vemos o mesmo homem preso ao primitivismo atávico dos conceitos moralistas e justiça social antiga, cujo desenvolvimento fora dos séculos, aparenta tendências e paixões inatas de seus membros.

Mas veio o incremento, o progresso, a sociedade e os grandes agrupamentos humanos, se modificaram e se amoldaram fugazmente às suas exigências, como coletividade, mas não o indivíduo em si mesmo. Este resiste. Seus instintos, tendências e conceitos herdados lutam ainda contra as mudanças vertiginosas que procuram diminuí-lo a uma peça, ou a um número, e reage. E essa reação, não raras vezes, leva-o à violência.

Por isso, nos encontramos a palmilhar numa época onde a violência é a tônica, a exigir o aumento

contingentes policiais e o desdobramento de sua ação. Não cabe a ela, entretanto, os ditames das normas de conduta da sociedade e nem tampouco julgá-la naquilo que o senso moral dos cidadãos aprove ou condene.

Mesmo dentro do limite estreito da lei, não cabe à Polícia, Militar ou Civil, quem quer que seja, que tenha infringido este ou aquele procedimento dos códigos, das leis, mas, descobrindo-o, apontá-lo à soberania do Poder Judiciário, para que se aplique a justiça legalmente.

À Polícia Militar compete, prioritariamente, a execução do Policiamento Ostensivo e a preservação da ordem pública. À polícia está a responsabilidade de impedir o ímpeto maligno daqueles que, alterando a ordem, palmilham caminhos do crime e levam desassossego e o desespero à nossa sofrida sociedade. Para isso nossa Polícia Militar deve ser dinâmica, progressista, preparada, e, incansável nos seus propósitos de bem servir à comunidade. Deve ser uma instituição estruturada e organizada dentro dos padrões adequados ao combate diário e infatigável ao crime e a violência, sob todos seus ângulos.

Dotando-se o organismo policial de bons e modernos equipamentos, aumentando o seu contingente humano à altura, pagando salários dignos e condizentes, o Governo Estadual, vai estar atuando diretamente na prevenção de crimes, fator psicológico positivo em relação à moral política pelo que representa em segurança social.

B I B L I O G R A F I A

- AFFONSO, Cel PMMG L.A.(1985). A Violência Urbana. O Alferes, Belo Horizonte-MG, 6 11-2, dez.
- ALMEIDA, Cel PMMG K.S.(1987).A Manutenção da Ordem Pública e as Polícias Militares. O Alferes. Belo Horizonte-MG, 12 , 75-8, set-dez
- CIÊNCIA PENAL.(1973). A Violência Urbana. Revista de Ciência Penal.Rio de Janeiro. 1, 28-9.
- DA SILVA, Cap PMMG P.S.(1987).A Violência Policial-Militar no Contexto da Violência Urbana. O Alferes.Belo Horizonte-MG. 12, 77-4.
- GROCELÁ, Marieta.(1969). Anatomia da Violência Urbana. Nosso Século.Rio de Janeiro, 930: 54-6, abr.
- PIMENTEL, Alan Kardec et alii.(1987).Confronto de Gerações incrementa Violência, in:- Nova Reportagem, Goiânia-Go, Pp 5-6, fev/mar.

morte ronda a juventude

se quando o cinema usa violência justamente para não-la, havia uma certa ingenua, talvez, de esperar no sentido de aprimorar estes valores ditos mem. Agora, mortes, esculamentos, incêndios, torturas, violência são apenas pontos altos em espetáculo em que os in- uos e suas possíveis des- is so servem para divertir.

a tortura

quando a própria tortura e os banhos de sangue se tornam apenas espetáculo, tudo indica que é chegada a hora de pensar no que pode estar acontecendo com o próprio cinema e com certos valores humanos.

viciados em drogas: Jovem é morto durante show do 'Ultraje a Rigor'

ARAÇATUBA, SP — O comerciante Edmilson Nogueira, de 22 anos, foi morto com uma facada no interior do Ginásio Plácido Rocha no momento em que o conjunto "Ultraje a Rigor" apresentava-se para um público de 12 mil pessoas.

O menor acrescentou que três pessoas se envolveram na travada no escuro, e confessou bem que tinha cheirado éter antes para o ginásio.

selvagens:

Fumar maconha e matar por matar

Recife — "Nós fumamos maconha a noite inteira e, sem qualquer motivo, decidimos matar Sérgio. Matamos por matar". Assim, friamente os irmãos Marconi José Dias e Arlindo Machado Dias Filho, além de José Antônio Ferreira da Silva confessaram o assassinato do estudante Sérgio Ruy Sady Costa, 15 anos, morto com 51 facadas há oito dias, em Garanhuns, agreste pernambucano a 229 kms do Recife.

Os três criminosos foram transferidos para o Recife porque a polícia temia que em Garanhuns eles fossem linchados, já que a população está revoltada com o cri-

Aumento da violência

o caso de Elizabeth de Araújo Bezerra, morta no dia 20 num apartamento da Lagoa.

mesmo lado e um grande hematoma interno, no lado direito do abdômen, onde houve a congestão de órgãos provocada pela superdose da droga.

BRUTALIDADE PRATICADA NO APARTAMENTO

tragédia

tenta matar o irmão

assassinato

com sete facadas

16 anos, foi morta com sete facadas nas proximidades de sua residência (SQS 305, bloco 1, apartamento 6), no início da madrugada de ontem, quan-

caminhava desacompanhada.



GoIânia, segunda-feira, 14 de novembro de 1988

ASSASSINADA CANDIDATA

Rio: A candidata a vereadora de Teresópolis pelo PMDB, Jandira de Oliveira Soares, de 38 anos, foi morta aos 30 minutos de ontem com seis tiros na barriga e no peito, quando acabara de participar do último comício de seu partido, na praça principal de Água Quente, 2º Distrito, pelo seu ex-companheiro, Murilo Ferreira da Silva.

Ela participara do comício com o candidato a prefeito peemedebista e deputado estadual Luiz Barbosa. Quando caminhava em direção ao carro do atual companheiro, Edno da Costa Rezende, com ele, nas proximidades do km 40,5 da Estrada Rio-Bahia, foi alvejada por Maurilo, que des

carregou seu revolver calibre 38 contra ela. Foi levada, já morta, ao Hospital das Clínicas de Teresópolis, onde trabalhava como enfermeira.

O inspetor Ronaldo Matassoli, da 101ª DP, informou que várias pessoas que estavam nas proximidades no local do crime viram o assassino atirar na mulher, inclusive no seu atual companheiro, que ainda vai depor na delegacia. Acrescentou que Jandira entrara com ação na justiça contra Maurilo para obrigá-lo a pagar pensão alimentícia a dois filhos pequenos que ela tinha com ele. O criminoso foi condenado a pagar a pensão, o que ainda não fez, e teria se vingado, matando a ex-mulher

COMERCIANTE ESCAPOU CORRENDO DO TIROTEIO

Haroldo Parrião da Fonseca, casado, 37 anos, comerciantes, (Rua 519 nº 534, Setor Universitário), levou um grande susto as 18 horas de quinta-feira, quando trafegava próximo a Praça da Bíblia, na Vila Nova. Sem muita pressa para chegar a seu destino, notou que um conhecido, Olivio Luciando Gomes, estava parado diante da Distribuidora de Leite Anapolino. Notou ainda que Olivio estava com um revolver na mão, fazendo disparos em sua direção:

"Ele disparou três tiros com a intenção de matar-me. Dois projeteis acertaram a lateral do Opala e o terceiro perdeu. O primeiro tiro foi exatamente sobre a lanterna esquerda, portanto do meu lado e o outro furou a placa".

Através do retrovisor Haroldo Parrião sentiu que Olivio entrava num veículo para alcançá-lo:

"Então sai em alta velocidade. O pior de tudo é que não sei os motivos que levaram Olivio a atirar em mim. Nunca lhe fiz mal algum". Falou Parrião no 1º Distrito Policial.

TAPAS E PANCADARIA

Divina de Fátima, 31 anos, escriturária, solteira, funcionária pública estadual e Cassilda Ferreira Carcez, sem qualificação, foram as vias de fato no 4º andar do Centro Administrativo. Tapas, pescões e palavras ásperas foram

trocadas entre as duas e a confusão demorou a terminar.

Claro que Divina procurou a polícia. Levada ao 1º Distrito Policial, conseguiu uma entrevista com o delegado Manoel do Bonfim e contou o seu drama:

"Eram mais ou menos 7h30min e eu me dirigia a minha sala de trabalho no 4º andar do Centro Administrativo. No elevador estava Cassilda que vive atualmente com meu ex-amásio. Ela dirigiu-me palavras ofensivas e ameaçou-me na presença de outras pessoas. Quando o elevador parou onde eu queria fui atacada. Então reagi e realmente trocamos tapas".

Manoel do Bonfim relacionou diversas testemunhas e todas serão chamadas.

DESCONHECIDOS MATARAM A TIROS 3 SOLDADOS PMs

Rio: Três soldados da Polícia Militar foram mortos em locais diferentes. Um deles, Francisco Sales Galvão, de 25 anos, que servia no 12º BPM (Niterói), foi assassinado com seis tiros da sua própria arma, na rodovia Rio-Manilha, centro de Itaboraí. Por volta das 19h30m, ele estava em um ônibus da Viação Rio Ita, que faz a linha "Niterói-Itaboraí" quando levou um esbarão de um outro passageiro.

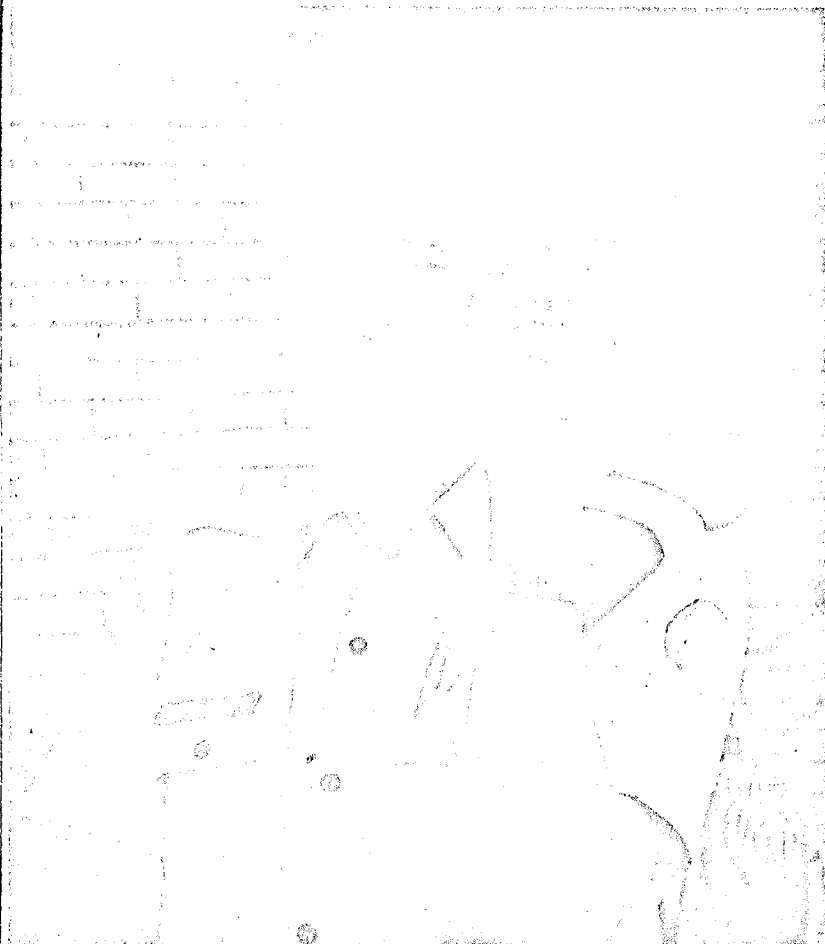
Os dois discutiram e Francisco,

que estava à paisana, sacou do seu revolver calibre 38, mas não teve tempo de usá-lo. Foi desarmado pelo passageiro com quem discutia, que estava em companhia de outros dois homens. Depois de matarem o PM, os três homens, não identificados, desembarcaram do coletivo e fugiram a pé.

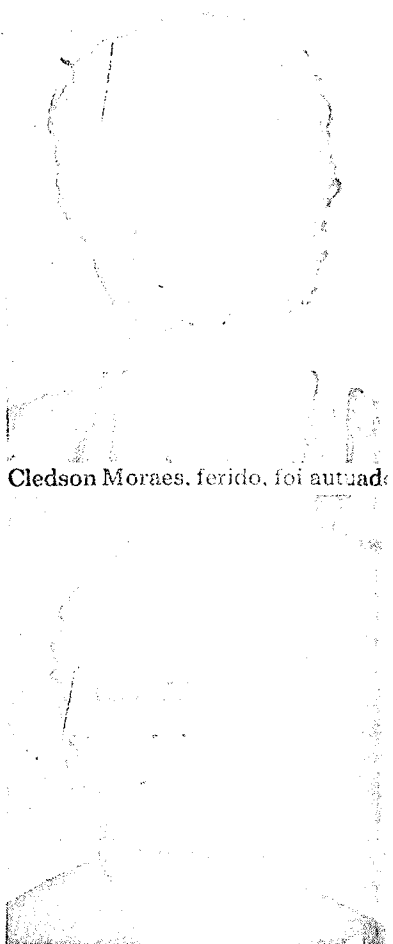
Nos outros dois casos, não há testemunhas. Na rua Espírito Santo, em Mesquita, cerca das 20 horas, populares encontraram o corpo do soldado reformado da PM,

Roger Carvalho, de 47 anos. Roger que morava na Rua Jatoba 264, em Mesquita, foi morto com muitos tiros. As 21h30m, foi a vez do PM Jorge Pantaleão, de 25 anos. Com quatro tiros, ele foi encontrado agonizante na Avenida João Brasil, na Engenhoca, Niterói, a cerca de 300 metros do posto de assistência médica (PAMI) da Engenhoca. Ainda foi socorrido com vida, mas faleceu ao chegar ao Hospital Universitário Antonio Pedro.

BÊBADO MATOU



Donizeti prendeu e socorreu os bandidos feridos



Cledson Moraes, ferido, foi autuado

R. X. F. está internado



SOLDADO NO COMÍCIO

Durante um comício realizado na cidade de Nova Veneza, não muito distante de Goiânia, o soldado Wadir Henrique de Moura estava de serviço. Exatamente às 23 horas, quando o prefeito usava da palavra, um elemento pernicioso subiu ao palanque e bebado, começou a perturbar todos os políticos. Um dos presentes, educadamente, o fez descer entregando-o a Wadir que tratou de levar o inconveniente para longe do aglomerado de pessoas. O militar foi esfaqueado nas costas e tórax, morrendo ao dar entrada na Clínica Santa Genoveva.

O assassino, Osmar Barbosa, oleiro, 24 anos, conhecido apenas por "Baio", vestia somente calção, camiseta e calçava botas. Pelo lado de dentro do cano do calçado portava uma afiada faca de cozinha. A primeira cutucada por trás chegou a vazar o corpo de Wadir e a ponta da lâmina saiu na frente. O militar caiu e recebeu mais duas facadas quando os seus companheiros apareceram e evitaram outras mais. Porém deixaram o "Baio" fugir.

QUERIA MESMO MATAR

Durante o dia "Baio" foi visto amolando a faca e dizendo que estava disposto a matar quem cruzasse na sua frente. Ebrio inveterado às vezes trabalhava alguns dias numa olaria e depois perambulava pela cidade criando

confusão, agredindo e bebendo. Era amigo do soldado Wadir que lhe dava muitos conselhos e o tratava com bondade. Jamais o prenderá, mesmo tendo inúmeros motivos.

"Baio" subiu no palanque e alguém o desceu. Ele não se conformou. Queria tirar a bota para jogá-la em quem discursava. Wadir além de não permitir, quis levá-lo para longe do comício. Jamais pensou que "Baio" estava disposto a fazer uso de uma faca", falou uma mulher.

Justamente na terceira facada outros militares chegaram ao local e entraram em cena. Seguraram o braço do homicida, foram ajudados por populares mas observaram que o companheiro precisava de ajuda. Deixaram "Baio" em paz e ele sumiu na escuridão.

O sargento Costa, comandante do policiamento e seus comandados vasculharam os arredores em busca do criminoso. A cidade ficou revoltada com o acontecimento e se os soldados prendessem "Baio" ele, por certo, seria linchado imediatamente. Wadir era um militar correto, cumpridor de suas obrigações, sempre rodeado de crianças.

"Quando ele não tinha ocupação juntava a meninada e os ensinava a marchar aqui mesmo no asfalto, diante da delegacia. Era gentil e amigo. Os mais vagabundos de

Nova Veneza o respeitavam", comentou uma vizinha.

Wadir Henrique de Moura, 32 anos, tinha 13 anos de serviços prestados à Polícia Militar. Há cinco anos resolvera-se mudar para Nova Veneza na alegação de que no interior teria mais tranquilidade para criar os filhos.

A ESPOSA TEREZINHA

Terezinha Maria de Moura, a viúva, pretende retornar a Goiânia para ficar junto a sua família. Inicialmente ela não acreditou que "Baio" tivesse matado seu marido:

"Ele era amigo, frequentava a nossa casa, apesar de não ter ocupação e estar sempre embriagado. Wadir o tratava com decência, lhe dava conselhos. Mas naquele dia o "Baio" estava mesmo procurando uma vítima. Alguém nos disse que a intenção dele era furar um político. "Baio" foi covarde: para cumprir a sua promessa teve de pegar um homem pelas costas. Dizem também que ele estava bêbado. E como conseguiu correr se estava alcoolizado?"

Terezinha sabe que ao ser socorrido, Wadir disse apenas: "Meu Deus, eu estou morrendo. Como vai ficar a minha esposa com os filhos?". Entrou em coma e foi transportado a Goiânia. Na Clínica Santa Genoveva começou a receber socorro mas não resistiu.



Goiania, quarta-feira, 9 de novembro de 1993

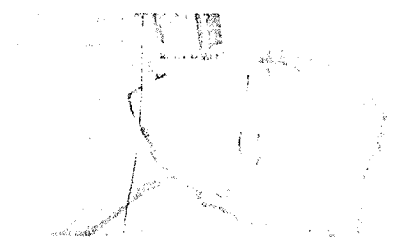
RAPAZ ENFORCADO NA CELA

Manoel Moura dos Santos, 22 anos, solteiro, profissão ignorada, estava detido para averiguações na Delegacia de Polícia de São João da Parauna e seria ouvido sobre diversos delitos a ele atribuídos. Porém sem qualquer testemunha ocular. Ele, no en-

tanto, preferiu se matar no banheiro e para tanto utilizou a cordinha do sistema de descarga do sanitário. Na manhã do dia 6, Manoel foi encontrado por um policial, pendurado, e sem vida.

O corpo de Manoel Moura foi transportado para o Instituto Médico Legal e autopsiado imediatamente. No entanto permanece numa das geladeiras sem que apareça algum familiar para leva-lo.

Os próprios policiais de São João da Parauna estão buscando parentes do suicida em todas as



redondezas. A comunicação no 5º Distrito Policial foi feita pelo escrivão do IML, Wagner Wlices de Souza que também não tem muitos detalhes do acontecimento. "Apenas recebemos comunicação para buscar o cadáver".

MULHER EMBRIAGADA SURRA A FILHA NUA

A menor Sônia Aparecida Barbosa, de apenas seis anos de idade foi barbaramente espancada por sua mãe, que não se contentando com a tortura, tentou fazer com que seu companheiro de 56 anos, mantivesse relação com a menina. O episódio se passou em um dos barracos do lote 11 da QNG 19, Taguatinga Norte, onde vivem em condições precárias de higiene - além de financeiras - a doméstica Joana Alice Barbosa, 42 anos, o companheiro, Sebastião Joaquim dos Santos e a menor Sônia.

Eram aproximadamente 23 horas de domingo e Sônia dormia em um canto do barraco, sobre um colchão roto e sujo, quando chegou sua mãe, Joana, acompanhada do padrasto. Embriagada a mãe começou a espancar a menina que acordou assustada e em prantos. Os choros de Sônia e os gritos eram tão altos que acordaram os moradores dos barracos do lado. Alguns dos vizinhos tentaram entrar no barraco na expectativa de apaziguar a situação, mas foi em vão.

Do lado de dentro da pequena casa, Sônia gritava implorando por socorro e pedindo que sua mãe parasse de bater-lhe. Os vizinhos revoltados, chamaram a polícia que em poucos instantes chegava ao local. A guarnição comandada pelo

sargento Wanderberg Antônio Roriz, conseguiram entrar no barraco e ainda surpreenderem a mulher em plena atividade de espancamento. A menor, conforme disse o sargento na 17ª (Taguatinga), estava com o rosto sangrando devido ao espancamento, e completamente nua. O policial ainda escutou a mãe oferecer a filha para o amásio, tentando praticamente obriga-lo a violenta-la.

Na delegacia, o padrasto de Sônia, Sebastião Joaquim, desempregado, disse que não iria fazer nada com a menina e contou ainda que não é a primeira vez que a menor é submetida à torturas. Segundo ele, toda vez que Joana bebe, ela espanca a garota e que ela teve quatorze filhos, dos quais sete morreram por motivos que ele desconhece e do restante, apenas a menor vive em sua companhia. Joana, autuada em flagrante, não negou ter espancado a filha, justificando a sua atitude com a mentira de que Sônia a havia feito malcriação.

Após pagar fiança, Joana foi liberada. Porém a menor Sônia não a acompanhou. O delegado, sensibilizado com as circunstâncias em que vive, encaminhou a garota para um abrigo de menores e comunicou o ocorrido ao Juizado de Menores.

Tio abusa da sobrinha de três anos

Nilza Dias Pereira, casada, do lar (rua Rio Verde, Quadra 75, lote 13, Jardim Europa), estava nervosa no 6º Distrito Policial enquanto falava com a escrivã Gleideme Maciel Marinho. E sua queixa era exatamente contra o irmão Horácio Dias dos Santos cuja qualificação não foi fornecida na delegacia:

"Eu precisava sair e deixei meu irmão zelando pelos sobrinhos, um de três meses e outra de três anos. Quando retornei a garotinha disse-me que estava sentindo dores no órgão genital. Fiquei estarelecida quando lhe perguntei o que havia acontecido e ela respondeu que o tio queria colocar o "pipi" entre suas pernas".

O delegado Roberto Stalen Neme também não gostou de ouvir essa história e mandou que alguns agentes fossem buscar o anormal Horácio em sua residência.

TARADO BEIJAVA CRIANÇAS

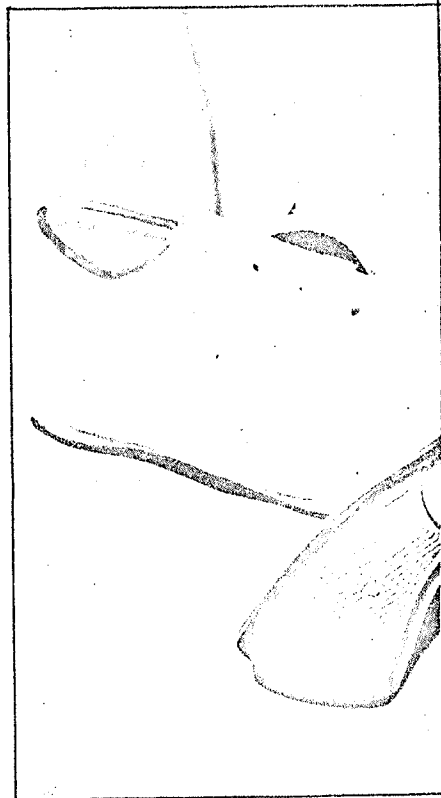
"Eu saí de casa para me dirigir a casa vizinha e deixei minha filha sozinha em casa, apareceu um indivíduo fazendo perguntas e a menina pediu-lhe para soltar a corda de um macaquinho que estava preso em uma árvore. Ele a ajudou e depois começou a beijar a criança na boca e ela correu chamando por mim".

A TRAIÇÃO

micídio, "Baiano" e Joaquim fugiram.

"Piruinha" decidiu voltar com seus homens à adega e, por coincidência, foi quem encontrou a viatura policial batida na rua João Pinheiro. Todos os batalhões da Polícia Militar foram mobilizados na caçada aos assassinos. Antes de fugirem, "Baiano" e Joaquim arrancaram o fio e os fones do rádio transmissor da viatura. No portaluvas da patrulhinha, policiais encontraram a carteira de identidade de "Baiano", Gilcimar Oliveira da Silva.

Quarenta minutos após o encontro dos cadáveres, os soldados Martins e Alexandre José Evangelista, do carro-patrulha 54-0290, do 22º Batalhão da PM, desconfiaram que o piloto e o homem que ia na garupa da moto Yamaha cor branca, placas QG-484, fossem os assassinos de seus companheiros. O



**Assassinados
com suas
próprias armas**

As armas roubadas aos PMs estavam enterradas na casa onde "Baiano" foi morto.

Por que os PMs não algemaram os assaltantes?

seguida, a rua Mário Carpenter, por motivos ignorados, o soldado Jorge, que dirigia a patrulhinha, entrou na rua João Pinheiro. Neste momento, "Baiano" e Joaquim agiram com extrema crueldade. Um deles aplicou uma "gravata" no cabo, que estava no banco do carona, apoderou-se do revólver que o policial levava no colo, e matou-o com um tiro no ouvido direito e outro no pescoço. O segundo ban-

dido imobilizou o soldado Jorge também com uma "gravata", tomou-lhe o revólver 38, que o PM levava na cinta e cuja cartucheira ficara pendente entre os bancos dianteiros, e desferiu-lhe três tiros nas costas, matando-o na hora. Desgovernada, a patrulhinha subiu na calçada e chocou-se contra o portão da casa do feirante José Alberto Carvalho de Castro, na rua João Pinheiro, 219. Praticado o duplo ho-

"O POVO DE GOIÁS"

Goiânia, quarta-feira, 9 de novembro de 1933.

Motorista atacado a golpes de facão

Ao enfrentar o pedreiro Antonio Moura durante uma festa regada a muita cachaça, Valdir Pereira dos Santos sabia que tinha diante de si o temido "Baiano do Facão", elemento de alta periculosidade e que maneja um afiado facão como se fosse uma simples navalha. A coragem de Valdir foi aumentada pela embriaguez e ele se deu mal. Não morreu por "milagre" como dizem seus próprios familiares.

No Jardim Guanabara, local da confusão, todos os habitantes conhecem e temem o "Baiano do Facão". Ele perambula nas noites em busca de festinhas de aniversário e até mesmo os grandes forrós, sempre procurando briga, insultando pessoas pacatas e ferindo com o seu facão. Apesar disso, ainda não foi preso porque sempre conseguiu fugir do flagrante. Agora o problema está com o delegado Eliezer Carlos Gondim, no 10º Distrito Policial.

TENTATIVA DE HOMICIDIO

Valdir Pereira dos Santos, 22 anos, motorista, resolveu participar de um forró no Bar do Jabuti, Jardim Guanabara. Por volta de 3 horas, já bêbado, viu "Baiano do Facão" discutindo exatamente com um cunhado de Jabuti. Apesar de nada ter com o problema, foi interferir, exaltando-se contra um amigo de "Baiano do Facão" e daí em diante aconteceram diversos empurrões, palavras de baixo calão e outros nomes obscenos.

Um amigo evitou que Valdir fosse morto. Mesmo assim recebeu golpes

"Fui convidado a trocar tapas do lado de fora. Eu não queria sair por conhecer bem meu adversário. Um cidadão conhecido por Chicão falou que seria melhor eu brigar com "Baiano do Facão" e ofereceu-me um revólver.

De repente o amigo desse baiano me acertou com o "munchaco" e caí. Fiquei tonto, tentei me levantar e notei que estava sendo picotado com o facão".

SALVO PELO COMPANHEIRO

Um amigo de Valdir, conhecido por Jurandir, aprou diversos gol-

pes utilizando um tamborete. Foi a sorte do motorista que aproveitou disso para correr rumo a sua residência. Segundo ele, o próprio Jurandir teria disparado dois tiros para intimidar "Baiano do Facão". Quem forneceu o revólver foi Chicão que a tudo assistiu sem interferir.

Com cortes nos braços e cabeça, ainda com a clavícula esquerda quebrada, Valdir foi levado ao Hospital São Francisco de Assis e internado em regime de urgência.



REVISORA LEVOU SOCO DE EX-MARIDO BÊBADO

A revisora Angélica Zulmira Barroso Araujo, 31 anos, separou-se há quatro meses do marido, Inaldo Dias da Silva. Não suportava os maus tratos e preferiu viver sozinha na rua M-1, quadra 31, lote 4, Parque das Laranjeiras. Porém, na semana passada, Angélica recebeu a visita do esposo. Ele parecia ter tomado algumas doses da branquinha e queria reativar o antigo romance. Diante da negativa, ele aplicou-lhe um soco no olho.

Angélica foi ao 8º Distrito Policial para fazer a denúncia. O delegado José Pereira Cardoso, que estava no plantão, além de anotar a ocorrência pediu exames de lesões corporais. Angélica explicou que na Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher existe um processo con-

tra Inaldo, justamente por agressão e ameaças contra ela. E pediu providências para evitar que o indiciado continue a visitá-la.

O murro no olho esquerdo de Angélica aconteceu pelo seguinte motivo: Inaldo estava suplicando, pedindo arrego e ela o mandou sair da casa. Além do soco, o homem disse: "Entre aqui quando quiser pois a casa é minha".

UMA BRIGA BOA

O vigilante Francisco Alves de Araújo, casado, 44 anos, estava sem ocupação e resolveu visitar o compadre Geraldo Joaquim Ferreira, falar de futebol, de mulheres, tomar algumas birritas e perguntar o que é, na verdade, Pacto Social. Porém ao chegar

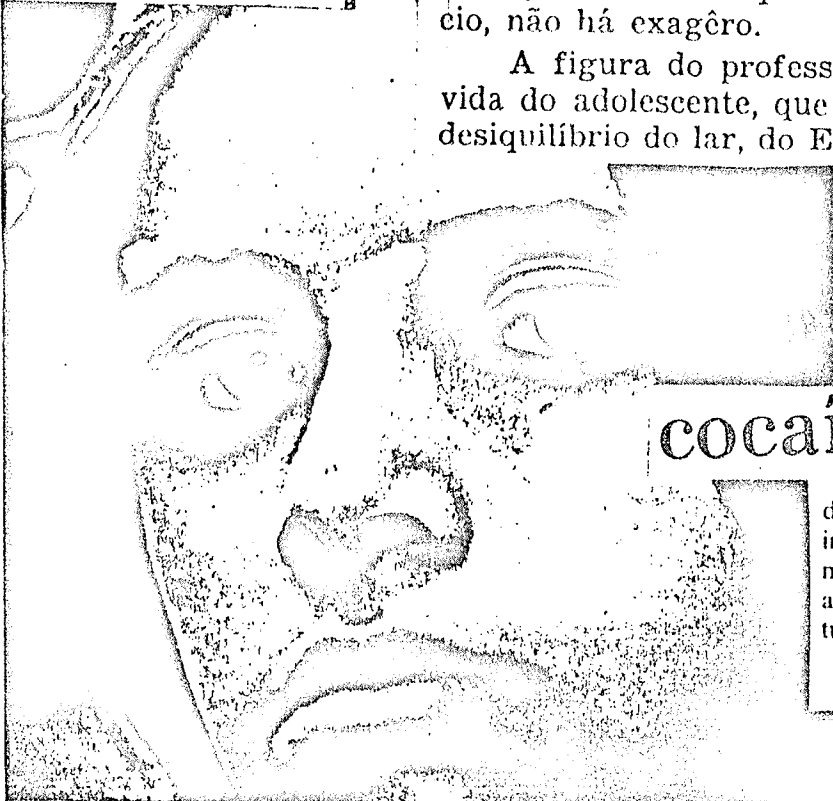
ouve discussão, cadeiras caindo e verificou que Geraldo Joaquim estava trocando socos e pontapés com a própria esposa, Durvalina de Jesus Santos.

Francisco assistiu a briga por alguns segundos e notou que Durvalina era boa de briga, estava acertando alguns cruzados em Geraldo mas levava boa desvantagem por ser mais franzina.

"Então resolvi interferir. Durvalina mostrava algumas lesões e hematomas e a levei ao Hospital das Clínicas para ser medicada. Geraldo tem 49 anos e trabalha também como vigilante na Brascife. Durvalina tem 32 e é funcionária como faxineira, porém não sei o local", falou Francisco no 11º Distrito Policial.

DROGAS

No que se refere às drogas, nem mesmo o consumo moderado é admitido, e o Dr. José Caruso Madalena, psiquiatra, é taxativo: "Sou contra todas, para qualquer uso. Tenho posição doutrinária firmada a este respeito."



O Professor é TUDO.

Se a televisão deseduca em alguns dos seus programas, se os pais são deficientes na formação dos filhos, se vivemos em uma sociedade em que as tónicas são a massificação e a permissividade, se é nesta conjuntura que o adolescente busca se formar, é aí, que o professor tem que ser o meio termo de tudo isto, tem que ser o fiel da balança.

Quando se diz que ser professor é um sacerdócio, não há exagero.

A figura do professor é algo tão marcante na vida do adolescente, que pode até equilibrar todo o desequilíbrio do lar, do Estado e da sociedade.

Que perigos corre o viciado?

A consequência mais comum é a destruição das mucosas nasais. No viciado crônico, o quadro tóxico pode ocasionar alucinações visuais, auditivas e táteis. Há perda da capacidade associativa e sérias alterações afetivas. Sintomas semelhantes aos da esquizofrenia.

cocaína

Além de tudo, junto com o pó, pode-se estar ingerindo todo tipo de substância, como talco, maisena, pó de mármore e até soda cáustica, que os traficantes costumam misturar ao pó em estado puro.

É na adolescência, ou pré-adolescência, que se deve dar maior destaque a um programa de caráter educativo preventivo.



O viciado em tóxicos pode cometer atos violentos ou criminosos.

Criminosos

jovens e de boa aparência

Cocaína, o grande motivo

Ao pedir a um aluno que faça um trabalho sobre tóxicos, enfatizar, de forma significativa, as consequências do vício das drogas.



No mundo dos tóxicos a desinformação do jovem é total.

Da mesma forma que a educação sobre trânsito tem de ser dada na primeira e segunda escolas, se quisermos ter um trânsito mais suportável nos próximos anos.

Devemos observar que os traficantes, sabedores que nesta fase se consegue o viciado certo de amanhã, nos dias de hoje, estão levando para o mundo das drogas meninos e meninas de até 9 (nove) anos de idade, portanto, o quanto antes iniciarmos nossa catequese, não estaremos cometendo exagero algum.

JÁ IDENTIFICADO O ESQUELETO QUE TINHA UMA BALA

Identificada a ossada encontrada na mata da Fazenda Berro D'água, município de Ipameri. Trata-se de Venilson Moura do Nascimento, vendedor ambulante, filho de Valdivino Felipe do Nascimento, residente na Rua Maria Biochi, 53, cidade de Ipameri, Goiás.

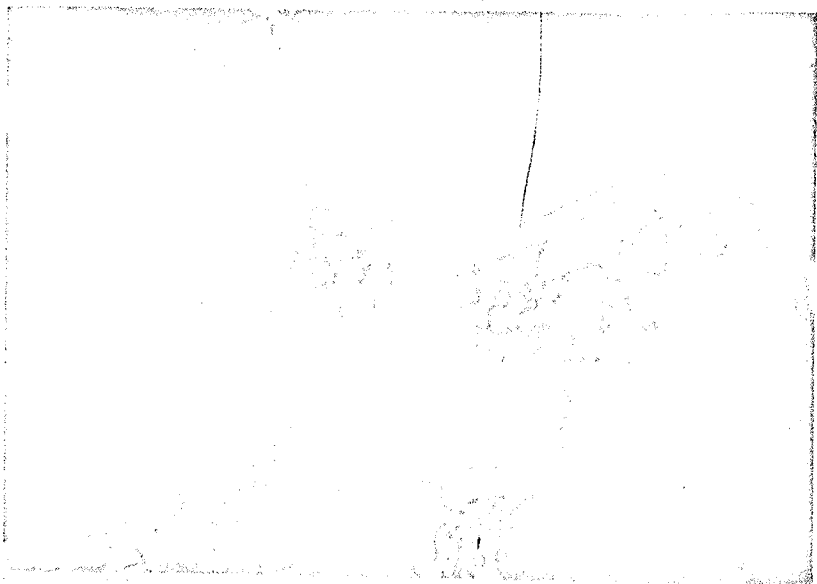
Venilson, segundo comentários da família, não tinha atrito com qualquer pessoa e apenas cumpria sua obrigação de vendedor. Ele estava desaparecido há quase 20 dias e, apesar de todas as buscas, ninguém informava de seu paradeiro.

A polícia acredita que Venilson tenha sido vítima de latrocínio, "pois quem o matou logicamente julgou que ele conduzia muito dinheiro. E também uma característica de assalto com latrocínio pelo tiro desferido na cabeça da vítima", disse um policial.

O infeliz vendedor, que era solteiro, trajava calça "jeans", camisa de malha, um sapato tipo mocassim "Rainha". Seus restos mortais

passaram pelo necrotério do Instituto Médico Legal e depois foram

sepultados no cemitério municipal de Ipameri.



A ossada com tiro na cabeça pertencia a Venilson Moura do Nascimento

PRESO EM FLAGRANTE AO TENTAR MATAR A MULHER

João Batista Rodrigues da Silva, sem profissão definida, 28 anos, (Rua Cascavel, quadra 2, lote 6, Vila Santa Rita), foi preso em flagrante pelo cabo PM Darlan quando portava uma faca tipo peixeira e queria matar sua esposa Cleusa Jacinto Barbosa da Silva. A discussão entre os dois começou às 22 horas, na própria residência e, quando ficou mais acalorada os vizinhos chamaram a Polícia Militar.

Cleusa Jacinto, 29 anos, do lar, já havia levado alguns murros porém, João Jacinto não ficara satisfeito somente com esse tipo de agressão. Gritava que estava farto da mulher. Ela correu pedindo proteção na casa de amigos e teve a sorte do cabo Darlan chegar muito

rápido ao local.

João Batista foi levado ao 5º Distrito Policial e entregue ao delegado Manoel Alves Machado que estava no plantão. Mais calmo o indiciado disse que queria apenas dar um susto na esposa "para ela saber quem é que canta mais alto dentro de uma casa".

APEDREJADA E SURRADA

Nataires Rodrigues de Araujo, 24 anos, casada do lar (Rua Vicente Ribeiro quadra 48, lote 4, Setor Santo Hilario) foi levada por amigos até a Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher depois de registrar queixa no 1º Distrito Policial contra Antonio Alves de

Araujo. E explicou:

"Antonio tentava expulsar-me da casa. Atirou-me alguns pedaços de tijolos e ficava batendo em minhas costas com a lâmina de um facão. O Antonio é um homem muito violento e costuma agredir-me sem qualquer motivo, principalmente quando chega em casa após beber algumas pingas".

Nataires foi socorrida no Parque das Amendoeiras. "Fiquei bastante machucada nas costas devido as pancadas com o facão", contou a mulher.

O delegado Clarimundo Ferreira Galieta, plantonista, mandou que alguns agentes fossem buscar o agressor, porém Antonio Alves não foi encontrado nas proximidades.